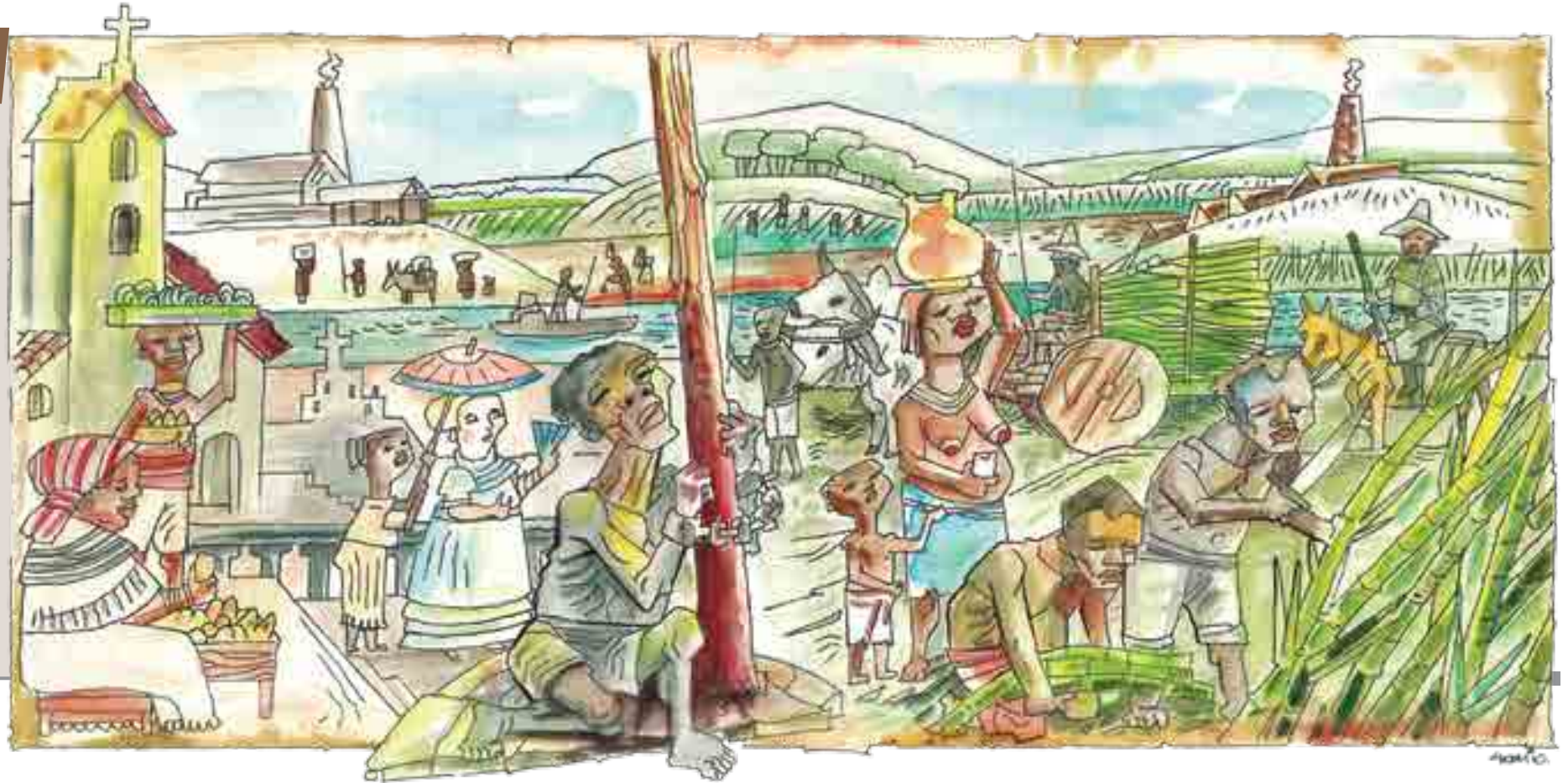


Almanaque

O preço pago pelos escravos para mover a economia

Homens e mulheres escravizados foram fundamentais em todas as áreas da economia paraibana e fizeram prosperar as culturas da cana-de-açúcar e do algodão, entre outras, mas pagaram caro por isso, com suor e muito castigo. [Página 17](#)

Ilustração: Tônio



Afastar alunos com deficiência é retrocesso, dizem educadores

Nova Política Nacional de Educação Especial, que prevê criação de escolas especiais, prejudica o processo de inclusão. [Páginas 5 e 6](#)



Diversidade

Economia Azul Paraíba prepara diagnóstico local e projetos que serão apresentados ao Consórcio Nordeste para captação de recursos internacionais. [Páginas 13 e 14](#)

Foto: Marcus Antonius



Paraíba



Foto: Edson Matos

Zona da Mata Com apenas 21.800 habitantes, a cidade de Mari tem na agricultura e na piscicultura suas principais fontes de renda. [Página 8](#)

Entrevista



Foto: Roberto Guedes

Artigas analisa a eleição presidencial dos EUA

Trump ou Biden? Analista político avalia os cenários e os impactos no Brasil do resultado do pleito norte-americano na próxima terça-feira. [Página 4](#)



80 anos de Paulo Pontes no Correio das Artes

Edição que chega hoje às bancas traz um especial sobre o autor de 'Gota d'Água', com textos de Astier Basílio e Lays Honório Teixeira. A publicação também resgata, na íntegra, a histórica entrevista publicada pelo Jornal A União em 1976.

Cultura

Obra aborda as tragédias que levaram à Revolução de 1930

Ana Maria César fala sobre 'Três homens chamados João', seu livro que reúne informações sobre as mortes de João Pessoa, João Suassuna e João Dantas. [Página 9](#)

Colunas

/// Há em curso um processo de beatificação que poderá representar a existência do primeiro santo paraibano. [Página 2](#)

Rui Leitão

/// Para mim, haicai é surpresa e revelação. Epifania pura. Medula poética. Fígada filosófica. [Página 11](#)

Hildeberto Barbosa Filho

/// 'Voyeur' explora a relação entre Talese e Foa, o homem que comprou um motel para observar secretamente os hóspedes. [Página 18](#)

Angélica Lúcio

Aviso aos leitores

O Jornal A União circulará, a partir da próxima terça-feira (3/11), com novos preços de capa. De terça-feira a sábado, o exemplar será vendido a R\$ 2,50. No domingo, o preço será de R\$ 3,50. Já o suplemento "Correio das Artes", que circula mensalmente, encartado no jornal, passará a ser vendido a R\$ 9,00, a partir da edição de novembro. A assinatura anual custará R\$ 350,00; a semestral R\$ 175,00 e a digital, R\$ 200,00. A elevação de preços justifica-se porque os insumos para a produção de impressos, principalmente o papel, são cotados em dólar, que teve altas sucessivas durante a pandemia de coronavírus. O jornal mantém o compromisso de oferecer sempre informação de qualidade aos seus leitores e leitoras.

Editorial

Autoestima

Palavras e expressões idiomáticas inglesas continuam disseminando-se entre brasileiros de todas as regiões, que as pronunciam cada dia que passa com mais naturalidade, como se morassem em Londres ou Nova Iorque. Quase todos os produtos e serviços colocados à venda, no Brasil, têm belos nomes em português. No entanto, pelo que se observa, preferi-los parece que desqualifica as mercadorias e torna simplórios os vendedores.

No mesmo diapasão, os brasileiros também têm avançado no domínio de expressões e palavras relacionadas ao universo das tecnologias de informação e comunicação - tudo, evidentemente, dito e grafado em inglês. Sendo assim, os dicionários digitais e de papel (esses últimos, caindo céleres em desuso) vão-se enchendo de neologismos técnicos, em virtude de outra velha mania nacional, que pode ser denominada de "antropofagia linguística".

Por falar em tecnologias da informação e da comunicação, os brasileiros também sabem muito hoje em dia da vida uns dos outros. Não da vida elevada a patamares espirituais ou filosóficos, mas - conforme alguns estudiosos da sociedade contemporânea - ao plano mesquinho da maledicência, considerando a rotina de intolerância nas redes sociais. E tudo vai ficando assim, na superfície, desencorajando mergulhos analíticos mais profundos.

A história das cidades vai ficando para trás, perdida nos escombros dos prédios históricos que desabam corroídos pelo abandono; soterrada pela especulação imobiliária, tendo como salvaguardas as instituições de educação e cultura, quando deveria ser preservada também na memória do povo. Tirando-se algumas plantas de fruta e flor, e pombos e urubus, não se sabe muito também de fauna ou flora, nem em que mês caem mais as chuvas do caju.

Vê-se, por aí, a importância de ações como a construção do Museu da Cidade de João Pessoa e do Museu do Artesanato da Paraíba, no sentido de valorizar e divulgar a memória histórica e a criatividade do povo paraibano. Uma questão de resistência, sim. A Língua Portuguesa é um patrimônio inalienável, bem como os registros materiais dos momentos marcantes deste segmento de civilização que se ergue às margens do Atlântico e do Sanhaú.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.comss0 | Colaborador

Eu vi a cidade chorar

Ele era conhecido como o "pai dos pobres". Ninguém fez mais pelos necessitados do que ele, o esperancense Monsenhor José Coutinho. Trazia no DNA a vocação sacerdotal, era sobrinho do arcebispo de Alagoas, Dom Santino Maia Coutinho. Em 1935 fundou o Instituto São José, que abriga as pessoas carentes e desvalidas, prestando-lhes assistência social. No ano de 1965 criou o Hospital Padre Zé, com serviços médicos gratuitos aos pobres. Dedicou sua vida à prática da caridade.

Em seus últimos anos de vida era comum vermos o Padre Zé Coutinho, em sua cadeira de rodas, pedindo auxílio para os seus carentes. Diariamente estava na frente do Cine Municipal com sua varinha tocando as pessoas, até de forma não muito simpática, solicitando ajuda para manter suas instituições filantrópicas.

Esse protetor dos humildes subiu aos céus no dia 5 de novembro de 1973. O anúncio da sua morte consternou todos os pessoenses, paralisou a cidade. A população inteira pranteava o seu desaparecimento. Vitimado por uma descompressão cardíaca, o santo padre veio a falecer deixando órfãos milhares de paraibanos que encontravam no seu patrocínio a oportunidade de vencerem as dificuldades da vida.

Foi velado na Igreja do Carmo. Por toda a madrugada e dia seguinte à sua morte, a multidão, em filas quilométricas

que tomavam todas as ruas adjacentes à igreja, fazia sua última homenagem ao sacerdote dos desamparados.

Às três horas da tarde o esquife colocado num caminhão do Corpo de Bombeiros, seguiu sua derradeira caminhada em direção à sua morada final no Cemitério Senhor da Boa Sentença. Cinquenta mil pessoas era o público calculado acompanhando o cortejo fúnebre. O prefeito Dorgival Terceiro Neto, vestido de preto, se perfilou ao lado da viatura que conduzia o caixão, percorrendo a pé todo o percurso até o deixarem no túmulo. Sua sepultura é a mais visitada nos dias de finados.

João Pessoa parou para lamentar a morte do Padre Zé. Estabelecimentos comerciais e bancários, escolas e repartições públicas, cerraram suas portas.

Há em curso o processo de beatificação que poderá representar a existência do primeiro santo paraibano. A Arquidiocese da Paraíba está trabalhando na coleta de dados para enviá-lo ao Vaticano. São muitos os depoimentos colhidos de pessoas que chegaram

a conhecê-lo mais profundamente. Para que alguém seja considerado beato, e depois santificado, é necessária a comprovação de pelo menos dois milagres com intercessão dele, acontecidos após a sua morte.

João Pessoa parou para lamentar a morte do Padre Zé. Estabelecimentos comerciais e bancários, escolas e repartições públicas, cerraram suas portas. O ambiente era de intensa comoção, uma tristeza coletiva, um clima pungente. Naquele dia eu vi a cidade chorar.

* Rui Leitão escreverá, neste espaço, às quintas-feiras e aos domingos, durante as férias de Martinho Moreira Franco.

Artigo

Sitônio Pinto
sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Tempos atrás

Há muito tempo - talvez séculos, ou milênios, não me lembro bem -, o filósofo brasileiro Millôr Fernandes disse o que talvez pareça um improprio. Millôr disse, na sua seção O Pif Paf, na revista semanal O Cruzeiro, dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que Deus criou a mulher de uma costela de Adão. Que Deus dera um sono profundo ao futuro esposo de Eva e tirou-lhe uma costela (steak, bisteca), para dela fazer a mulher.

Esse teria sido, pois, o primeiro repouso de Adão e seu último descanso. Adão teria sido uma obra prima de Deus; mas Ele achou, em conciliábulo com seus anjos e querubins, que não seria bom que o homem ficasse sozinho, mesmo no Paraíso Terrestre. Esse foi o primeiro repouso de Adão e seu último descanso. Aqui vai um pleonasmismo do plural "querubins", plural de "querub", que é uma categoria hierárquica de anjos. Lembro ao leitor que foi Millôr quem disse o que vou repetir: que Deus criou a mulher de uma costela de Adão.

Mas há quem discorde: o criador teria criado a primeira mulher do rabo de um cachorro. //

cauda. Já não se fazem rafeiros como antigamente, teria dito o marido de Eva, ex de Lílite. Pode não ter sido de Adão a costela; teria sido de Lílite, disse a gira Maria Padilha da Porta dos Cabarés. Ninguém mais credenciado para falar nesse assunto que Maria Padilha, a Rosa da Caveira, Rainha dos Cemitérios. Se você tiver coragem, incorpore ela, a mulher de Lucifer, que botou putaria no mundo e doença venérea em Satanás: "a porta do Inferno estremeceu... corre, corre, vai ver quem é... foi uma gargalhada na encruza...é pomba gira, a mulher de Lucifer!..."

Mas há quem discorde: O Criador teria criado a primeira mulher do rabo de um cachorro. //

Era o que tocava e cantava o conjunto Os Tropicocochos, que animava o bar A toca do Coelho, de Edmar Aragão, na Granja Bela Vista, à margem esquerda da Avenida Rui Carneiro, no sentido cidade-praia. Era um bar memorável, com 200 mesas, e cinco tamboretas por mesa, mais duas dezenas de mesas em torno de igual número de baracas, por sua vez dispostas junto a um coqueiro central. A toca era o meu espaço. Eu fiz o IV Festival Paraibano da Música Popular Brasileira com os Tropicocochos, de onde saíram premiados Carlos Aranha, Cátia de França, João Manoel de Carvalho e outros.

Acabo de dar uma salva de espíritos, uns doze. Nesses tempos de covid-19 faz até medo, mas não se trata do vírus da Corona. Os meus espíritos são assim, coletivos no mínimo 10, ou 12, sequenciados, escandalosamente altos. Pode ser uma alergia, mas nunca pesquisei. Não temas, o covid-19 não se propaga por via eletrônica.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA:
99143-6762

Covid-19 chegou à Paraíba através do transporte aéreo

Mapeamento aponta que o vírus se espalhou por 19 estados através de pessoas com histórico de viagens de avião

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Após atingir todos os continentes, a contaminação pelo novo coronavírus, considerada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde o dia 11 de março, afetou a vida humana e todos os setores de atividades sejam elas econômicas ou não. Tido como um dos fatores para a disseminação mundial da doença, as viagens de avião foram uma das primeiras a serem paralisadas como um mecanismo de defesa dos governos para tentar evitar a propagação da covid-19.

Um estudo realizado no Centro de Ensino Superior do Seridó (Ceres) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Caicó, mapeou os caminhos que o novo coronavírus fez no Brasil desde a sua chegada até a disseminação em todas as suas unidades federativas. Analisando os dados epidemiológicos e informações

aeroportuárias e de transporte aéreo, os pesquisadores verificaram que 19 estados brasileiros apresentaram primeiros casos da doença relacionados a pessoas com histórico de viagem internacional. Na Paraíba, o primeiro caso confirmado no dia 11 de março foi de um homem de 60 anos com histórico de viagem para Europa.

De acordo com o estudo intitulado de Identificação das rotas iniciais de importação e disseminação da covid-19 no Brasil, que foi publicado na revista GeoSaber, da Universidade Federal do Ceará (UFC), "o deslocamento de pessoas e mercadorias facilitado através da rede de transporte aéreo mundial possibilitou uma acelerada disseminação do novo coronavírus pelo mundo. Os principais fluxos aéreos internacionais comandaram, em um primeiro momento, a forma de expansão do vírus pelo mundo", descreve o trecho.

No entanto, após a confir-

mação do pico da doença ter sido atingido no país aliado a redução de ocupação em leitos de hospitais sejam de enfermaria ou UTI, aos poucos as atividades econômicas foram abrindo gradualmente no Brasil, bem como as fronteiras com outros países. Com isso, atividades de companhias aéreas também retomam, paulatinamente, as atividades, mas ainda se distanciando da chamada "normalidade" existente antes da pandemia.

No Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto, o maior do Estado, em Bayeux, Região Metropolitana de João Pessoa, o período de janeiro a agosto registrou uma queda significativa de 49,8% em comparação com o ano anterior no número de movimento de passageiros, de acordo com dados da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac).

A redução foi fruto do cancelamento de mais de 90% dos voos devido a pandemia. Em janeiro



Foto: Marcus Antonius

Pandemia da covid-19 provocou uma redução de 90% nos voos realizados no Aeroporto Castro Pinto, na Grande João Pessoa

de 2020, antes da pandemia, 21 voos diários atendiam a capital, segundo a Aena Brasil, empresa que gerencia o aeroporto. Ainda conforme a Aena, em abril apenas um voo diário com destino a São Paulo, no Aeroporto de Guarulhos, operava do Castro Pinto, resultando em 31 voos no mês.

Apesar da pandemia, os meses de janeiro e fevereiro já apresentava queda no movimento com relação a 2019 de 11,3% e 6%, respectivamente. A partir de março, com a pandemia, os dados despencaram. Em abril, a queda chegou a 91,3% que pode ser percebido através do número de

passageiros recebidos. Em março, o aeroporto registrou o movimento de 81.233 e caiu para 8.475 em abril. As quedas registradas em maio a agosto se mantiveram acima de 80%, em maio e junho; julho teve uma queda de 70; em agosto, a queda continuou acima de 50%.

Retomada com números positivos

As atividades no Aeroporto Castro Pinto voltaram a ser reguladas e em setembro os números já apresentaram uma alta de +4,11%, com 47.634 embarques e desembarques com 492.399 passageiros. Em 2019, segundo a Anac, 1.319.772 passageiros passaram pelo aeroporto, sendo 991.537 de janeiro a setembro de 2019. Em 2020, de janeiro ao final de setembro o número foi de 527.141, conforme aponta a Aena. Com a retomada intensificada em outubro, o Aeroporto Castro Pinto passou a ter 12 voos diários com os destinos de São Paulo (Guarulhos), Campinas, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Brasília.

O movimento de queda também pôde ser observado em Campina Grande, no Aeroporto Presidente João Suassuna. Em janeiro de 2020, a cidade possuía, em média, 6 operações diárias, sendo 3 pousos e 3 decolagens. Dois deles vindos de Recife e outros 2 da Azul também com

destino à capital de Pernambuco. Enquanto a Gol operava 1 voo de chegada e destino para Guarulhos, em São Paulo. Devido a pandemia, o João Suassuna suspendeu as operações de 23 de março a 31 de julho. A retomada se iniciou em agosto e o aeroporto voltou a contar com as seis operações diárias em 5 de outubro, com destino a Guarulhos.

A assessoria da Aena informou ainda que na próxima quinta-feira, dia 5, o aeroporto em Campina Grande receberá mais duas operações diárias com quatro pousos e quatro decolagens. Serão mais três voos da Azul para Recife e um para Guarulhos.

De janeiro a setembro, desconsiderando o período de suspensão de atividades, o aeroporto registrou 46.670 passageiros. No mesmo período, em 2019, o número foi de 102.808. Em setembro, o aeroporto registrou o aumento de 6.811, o equivalente a +0,59%.

Previsão de aumento no verão

No ranking dos aeroportos do Nordeste com maior movimentação entre janeiro e setembro, o Castro Pinto aparece em oitavo com uma participação de 3,95% na movimentação da região. O João Suassuna, por sua vez, figura na 17ª posição com uma participação de 0,36%.

Caso a situação em referência a covid-19 não seja alterada, chegando a uma segunda onda e, em consequência, segundo pico, a perspectiva é de aumento para os próximos meses, principalmente no verão. Mas ainda não existe uma previsão sobre a demanda. O cenário no tráfego aéreo depende diretamente do controle e enfrentamento à pandemia do novo coronavírus.

Mesmo com protocolos de segurança, muitas pessoas ainda não se sentem seguras para voltar a viajar de avião.

Ruth Avelino, presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), informou que o Litoral paraibano já voltou a ser rota dos turistas. No entanto, a maior movimentação ainda é de pessoas que chegam às praias de carro.

"Já estamos recebendo turistas, mas não vindos de avião. Durante a semana não temos muito movimento nos hotéis, por exemplo, mas durante o fim de semana os hotéis voltaram a apresentar uma boa taxa de pessoas hospedadas. Mas essas pessoas são de cidades vizinhas que estão viajando de carro", declarou a presidente.

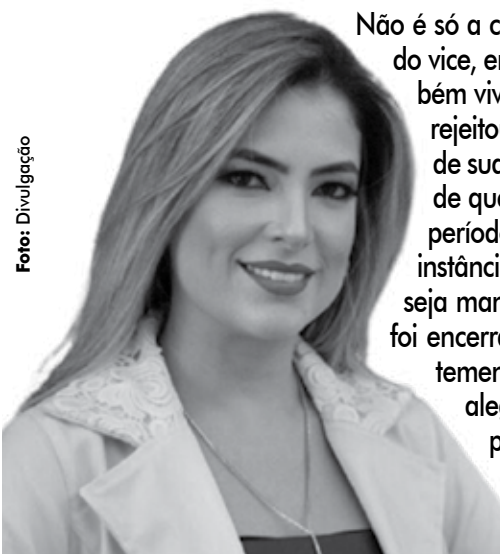
UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

DUAS CHAPAS PROCURAM UM VICE PARA CHAMAR DE SEU EM CAMPINA GRANDE

Não é só a chapa do candidato Edmar Oliveira (Patriota) que enfrenta problemas quanto à definição do vice, em Campina Grande – Wanderley Sobral renunciou. A chapa de Arthur Bolinha (PSL) também vive problema similar. É que o juiz da 16ª Zona Eleitoral, Alexandre José Gonçalves Trinetto, rejeitou recurso da candidata a vice, Annelise Menseguesso (na foto), e manteve indeferimento de sua candidatura. A decisão da Justiça eleitoral para barrar a candidatura tem por base o fato de que ela, que é médica e funcionária pública, não teria se desincompatibilizado do cargo no período previsto pelas regras eleitorais – como ainda cabe recurso, a defesa deverá recorrer à instância superior, possivelmente ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), porém, caso o entendimento seja mantido, o nome não poderá ser substituído, uma vez que o prazo para esse procedimento foi encerrado na segunda-feira passada. No caso do candidato do Patriota, a situação é, aparentemente, mais confortável. Com a renúncia do então candidato a vice, Wanderley Sobral, que alegou haver desorganização na condução da campanha, a direção municipal do Patriota protocolou dentro do prazo a indicação de outro nome na Justiça Eleitoral, mas ainda falta sair o deferimento da candidatura. O fato é que duas chapas que disputam a eleição majoritária em Campina Grande estão à procura de um vice para chamar de seu.

Foto: Divulgação



DISPARO EM MASSA

A página do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba disponibiliza um link para que eleitores denunciem os suspeitos de disparo em massa de mensagens eleitorais pelo WhatsApp. Basta acessar o endereço eletrônico <https://denuncia-whatsapp.tse.jus.br/dew/rest/denuncia> para efetivar o comunicado.

JUSTIFICATIVA DE AUSÊNCIA

E por falar em serviços disponibilizados pelo TRE-PB, a corte mantém em sua página eletrônica o e-Título, em que os eleitores podem realizar muitos procedimentos, entre os quais justificar a ausência na sessão eleitoral no dia da eleição, 15 de novembro. Para acessar o documento digital, o eleitor deverá baixar o aplicativo e-Título, disponível no Google Play e na App Store.

50% DA CAPACIDADE DE PÚBLICO

Na próxima sexta-feira, dia 6. Este é o prazo estabelecido pela Prefeitura de João Pessoa para iniciar a flexibilização de eventos na capital, dentro do que foi elaborado pelo Plano Estratégico de Flexibilização para enfrentamento da pandemia da covid-19. Serão autorizados o funcionamento de teatros e auditórios para eventos artísticos e corporativos com 50% da capacidade de público.

MAIS DE R\$ 7,4 MILHÕES

Exceto pela candidatura a prefeito do Patriota - o candidato Edmar Oliveira denunciou que a direção estadual do partido não repassou os recursos do fundo partidário - outras candidaturas, inclusive de vereadores, estão bem aquinhoadas. Dados da Justiça eleitoral mostram que os candidatos arrecadaram mais de R\$ 7,4 milhões para bancar a campanha eleitoral.

EM DOIS GUIAS DISTINTOS

O imbróglio envolvendo a direção municipal do PT e a Executiva nacional do partido, que tenta barrar a candidatura própria em João Pessoa, criou uma situação inusitada, com Lula aparecendo em dois guias eleitorais: no de Anísio Maia, no que seria uma gravação antiga, e no de Ricardo Coutinho (PSB), candidato, de fato, apoiado pelo PT.

"É INACEITÁVEL", DIZ JEOVÁ SOBRE PROPOSTA PARA PRIVATIZAR UBS

O presidente Bolsonaro, aparentemente, desistiu da ideia de abrir a possibilidade de privatização das Unidades Básicas de Saúde (UBS), mas a absurda proposta continua rendendo críticas. "É inaceitável que numa das maiores crises da saúde pública do Brasil, Bolsonaro abra caminho para a privatização do SUS", rechaçou o deputado Jeová Campos (PSB).

José Henrique Artigas
Doutor em Ciências Políticas pela USP

“Sob Biden, isolamento do Brasil tende a piorar”

Em entrevista ao Jornal A União, José Artigas fala sobre os cenários em caso de vitória de Donald Trump ou Joe Biden na eleição nos EUA

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Os Estados Unidos elegem, na próxima terça-feira, dia 3, o presidente da República. O momento é de grande importância não só para os americanos, mas para o mundo inteiro, já que a disputa representa também a linha de política internacional que o país adotará ou continuará adotando. O resultado tem influência mais forte ainda no Brasil, considerando o uso da imagem de Donald Trump que a direita tem feito ao longo dos últimos anos, como exemplo a ser seguido.

José Henrique Artigas de Godoy, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e professor de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba

(UFPB), faz uma análise da atual conjuntura e traça perspectivas para um futuro global e no Brasil, considerando a recondução do presidente Donald Trump à Casa Branca ou a eleição do democrata Joe Biden.

Em entrevista exclusiva ao jornal A União, Artigas destacou que, independente de quem vença a disputa pela presidência dos Estados Unidos, não haverá grandes mudanças no Brasil. Porém, mesmo que não haja perspectiva de mudança na América Latina, ele observou que uma derrota de Trump nas urnas seria um passo importante para amenizar a tensão global.

O cientista político criticou o Governo Fe-

deral brasileiro e afirmou que o presidente da República, Jair Bolsonaro, é subserviente à política norte-americana. Uma vitória de Trump, conforme analisou, favoreceria internamente Bolsonaro e outros líderes autoritários que emergiram na onda

reacionárias das duas últimas décadas. “A vitória de Trump só fortalecerá esse espírito belicoso, de enfrentamento e de polarização que vem caracterizando diversos países do mundo, inclusive o nosso”, alertou.

A entrevista

Os americanos vão às urnas na próxima terça-feira para eleger um novo presidente, Joe Biden, ou reconduzir o atual, Donald Trump, ao posto. Esse é um momento importante para o mundo?

■ Em parte, sim. Digo isso porque em boa parte da política externa norte-americana, particularmente para a América Latina, não vai mudar absolutamente nada se o Biden vier, eventualmente, se eleger. E não haverá qualquer tipo de mudança. A ação dos Estados Unidos em relação à América Latina já vem se procedendo da mesma maneira desde o governo de Barack Obama. Portanto, não é uma exclusividade do governo Trump. A questão principal se dá em relação à União Europeia, China e Rússia, porque hoje nós temos uma relação de tensão internacional e isso vem promovendo, ao mesmo tempo, uma muito forte corrida armamentista e uma nova Guerra Fria não declarada entre as novas potências. Hoje, vivemos um ambiente internacional de multipolaridade e os EUA perderam a posição de potência hegemônica global que adquiriram desde o final dos anos 80 com a queda do Muro de Berlim e todas as suas consequências, e até os anos 2000.

Vivemos hoje uma tensão maior?

■ Hoje, nós vivemos num ambiente de multipolaridade e de tensão. Essa tensão, em grande medida, tem a ver com a política do Donald Trump de enfrentamento das outras potências, na contramão do que outros governos vinham trabalhando, que ia no sentido da cooperação internacional, mas é da cooperação com a União Europeia e com a China. O Donald Trump implementou uma política de combate, de enfrentamento. Isso é muito ruim para o mundo todo. Qualquer luta comercial entre as potências reflete no resto do mundo e reflete na América Latina e, particularmente, no Brasil também. Com a guerra comercial entre Estados Unidos e China, as nossas *comodities*, que são nossos principais produtos de exportação, podem ter oscilações muito importantes no mercado internacional por conta da abertura ou fechamento de setores de mercado, e isso pode ter impactos brutais na nossa economia porque ela se tornou agrícola e de *comodities*, de minério e de soja, ferro.

Como isso afeta a relação do Brasil como mercado externo?

■ Somos exportadores de *comodities* e dependemos do mercado externo. Não temos como sustentar nossa economia só com os esforços do mercado interno. E como somos dependentes do mercado externo, qualquer abalo no âmbito das relações internacionais entre EUA, que é a maior potência global, e a China, que é nosso maior parceiro comercial, vai ter reflexo. Se continuar com essa política de enfrentamento, é um reflexo negativo, não só para nós, mas coloca o mundo todo em alerta porque as tendências do Donald Trump são explicitamente autoritárias. Por outro lado, não se pode imaginar que o Joe Biden vai ser uma maravilha. A

política para o Brasil é a mesma, não importa quem seja. Os democratas são tão ruins para nós quanto os republicanos, mas têm um efeito político simbólico muito importante, porque Trump, quer queira quer não, é a grande figura que polarizou o mundo todo por conta de políticas de polarização que envolvem valores ultrarreacionários, em alguns aspectos até fascistas, e isso influencia o mundo todo. O Jair Bolsonaro, sem sombra de dúvida foi, em parte, favorecido por essa onda reacionária global.

O resultado terá influência mais forte ainda no Brasil, considerando o uso da imagem de Trump que a direita tem feito ao longo dos últimos anos como exemplo a ser seguido?

■ Se ele for eleito, sem sombra de dúvida, porque ele é um aliado preferencial do governo americano. Não que o governo americano seja nosso aliado preferencial – vamos manter as devidas relações, e existe uma relação desigual entre EUA e Brasil. O Jair Bolsonaro é subserviente à política norte-americana, mas a política norte-americana jamais foi subserviente e jamais será à política brasileira. Se Donald Trump se reeleger, isso favorece internamente o Jair Bolsonaro. A vitória de Trump só fortalecerá esse espírito belicoso, de enfrentamento e de polarização.

Em caso de derrota de Trump, o que muda na política externa americana?

■ A queda de Trump diminui a tensão global porque os democratas propõem uma política de cooperação, e os republicanos propõem uma política de conflito. Sem dúvida nenhuma, o mundo tende a ser mais pacífico com os democratas do que com os republicanos. Agora, para a América Latina, não vejo qualquer perspectiva de mudança. Agora, no que diz respeito à política com a União Europeia, muda bastante porque o Joe Biden é defensor de uma política de aliança, de fortalecimento da Otan, dos órgãos multilaterais como a ONU, a busca de repactuação entre as nações industrializadas de novos protocolos na área ambiental. O Donald Trump retirou o Acordo de Paris, o acordo de não proliferação de armas nucleares para o Irã, se retirou de uma série de acordos internacionais que visavam maior preservação ambiental de âmbito global e diminuição das tensões bélicas e militares também.

Se Trump for reeleito, vai haver uma mudança para melhor no mundo?

■ Um mundo de guerra é pior do que um mundo de paz. É claro que quando falamos em EUA não podemos falar em paz de uma forma generalizada, porque os EUA vivem com base na indústria bélica e na guerra. A questão é que as guerras localizadas que os EUA o tempo todo comentam, têm um impac-

to muito menor do que uma guerra com as maiores potências globais que é o que está sendo incitado pelo Donald Trump. Não podemos imaginar que Joe Biden é bonitinho, é pacífico. EUA não são uma nação pacífica. Se não fizer guerra, a economia para.

Qual a situação do Brasil que está alinhado politicamente com o presidente Donald Trump?

■ Se o Biden ganhar, as relações com o Brasil vão piorar. A chancelaria brasileira é conduzida por um inepto. O Ernesto Araújo é completamente despreparado para o exercício da função de chanceler, é considerado um pária no âmbito das relações multilaterais e isso, com a perda do Donald Trump, a tendência é piorar as relações diplomáticas no Brasil. Isso não significa relações econômicas. No âmbito da economia nada vai mudar, mas no âmbito das relações multilaterais, das relações estratégicas e das relações da chancelaria, isso muda porque o Biden não vai seguir o caminho do Ernesto Araújo. Eu acho que o isolamento do Brasil tende a ser maior sob Biden do que sob Trump.

Esse cenário de alinhamento do Brasil com uma pessoa (e não com uma política de Estado) ocorreu em algum momento histórico? E se Biden ganhar, o que ele fará de diferente?

■ Não, nunca ocorreu. E em relação a uma possível vitória do Biden, deve mudar muita coisa. Primeiro, a questão das relações multilaterais, das quais eu já falei. A segunda coisa é a questão econômica, de favorecimento de uma cooperação internacional e não de um conflito comercial que favoreça a volta das plantas industriais para o território norte-americano. O próprio Joe Biden tem negócios no exterior: Sob o governo Trump, não existe cooperação. Favoreceu o fechamento de indústrias na China para que elas realocassem suas plantas dentro do território americano, para gerar empregos nos EUA e isso, claro vai mudar. A política de emprego do Biden não é clara. Donald Trump pode ter todos os males da sua política, mas foi uma política que gerou emprego nos EUA, até o coronavírus. Biden é mais ligado ao mercado financeiro. Isso significa que não há garantia de ampliação da empregabilidade nos EUA nos próximos anos se Biden se eleger.

Quais as mudanças em relação às minorias sociais se Biden for eleito?

■ A eleição de Joe Biden será importante, por exemplo, para as pessoas dos direitos humanos, para a questão das desi-

gualdades étnicas. Donald Trump é um racista, um misógino, um homofóbico. Eu acho que, do ponto de vista das minorias sociais, negros, latinos, mulheres, homossexuais, deve haver um grande avanço no sentido da tolerância. Donald Trump é muito intolerante, preconceituoso, mas o Biden, embora seja também preconceituoso, o grau de preconceito é muito menor e a tolerância muito maior.

Se Trump conseguir se reeleger, há alguma vantagem para o Brasil ou a tendência é ficar como está, apenas um alinhamento sem contrapartidas?

■ Sem contrapartida para o Brasil, mas contrapartida para os EUA, e temos que olhar para os dois lados. É isso que vai continuar acontecendo. Os EUA vão continuar tendo favorecimento, porque nós ainda temos o grande patrimônio público que pode, eventualmente, ser alvo de privatização e de desnacionalização.

E como ficará a relação EUA/China com uma reeleição de Trump? E se ele perder as eleições, como fica essa relação?

■ Muda tudo porque Donald Trump é o grande incitador entre EUA e China, enquanto Joe Biden defende uma postura de maior cooperação. Se as duas maiores potências do mundo entram em conflito aberto, tem reflexo nos parceiros comerciais. Se não acontece isso, o cenário é outro.

Qual a avaliação do desempenho da política externa brasileira no atual governo?

■ É uma política subserviente. Nunca tivemos na história do nosso país, nem nas ditaduras mais sanguinárias, uma relação de subserviência aos Estados Unidos como estamos tendo agora. Isso não é política externa, isso é empreguismo, na contramão absoluta de toda chancelaria histórica brasileira. Desde a fundação do Itamaraty, o Brasil sempre manteve relações diplomáticas com todos os países do mundo. Agora, não mantém mais por conta de questões ideológicas que transformam as relações externas, que deveriam ser relações amparadas na política de estado, e passaram a ser amparadas na política de governo. A política externa não é desse ou daquele governo, é política de estado brasileiro de longo prazo. Isso envolve recursos estratégicos, recursos militares, culturais, e o Ernesto Araújo foi incapaz, do ponto de vista técnico. Ele é absolutamente isolado de todos os círculos de troca de informações no âmbito diplomático.



Foto: Roberto Guedes

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Cabral da Silva, 221
ALTIPLEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contatos: +55 1831-9 8884-9052 / +55 111-3254-5999



Foto: Edison Matos



Foto: Pixabay

Educadores apontam retrocesso na política de educação especial

Decreto de Bolsonaro visa separar crianças com deficiências e transtornos do ensino convencional tanto público quanto privado

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

A nova Política Nacional de Educação Especial (PNEE) instituída pelo Governo Federal, através de decreto assinado pelo presidente Jair Bolsonaro, já é vista como um retrocesso por educadores, especialistas e entidades que lutam pela inclusão escolar.

O decreto tem como objetivo incentivar a matrícula de pessoas com deficiência em escolas específicas, tidas como especiais. Na prática, a medida afasta os alunos com deficiência do convívio com pessoas sem deficiências em escolas comuns.

A medida abre margem para que escolas, antes obrigadas por lei a receber e tornar o ambiente receptivo para o desenvolvimento do aluno com deficiência, passem a barrar a matrícula dos

alunos. Além disso, o decreto é visto como um retrocesso no histórico de luta pela conquista de direitos das pessoas com deficiência, que tem a inclusão, mesmo que deficitária, existente.

O decreto também foi assinado por Milton Ribeiro, ministro da Educação, e Damares Alves, ministra dos Direitos Humanos. Para viabilizar o objetivo, o texto visa o incentivo de salas e escolas especiais para crianças com deficiências, englobando transtornos globais do desenvolvimento como autismo e superdotação. Facilitando também a transferência de verbas governamentais para que essas instituições e redes públicas que possam receber os alunos público-alvo da PNEE. Exemplos de redes, chamadas de "escolas especiais", que podem adotar as políticas são Apaes, insti-

tutos de surdos e cegos.

De acordo com o governo, cerca de 90% dos estudantes com deficiência ou transtornos do desenvolvimento estão regularmente matriculados em escolas públicas e privadas de todo o Brasil. Ainda é recorrente encontrar escolas que se neguem a receber alunos com deficiência, mesmo que, em 2008, a política de inclusão tenha se consolidado no país. O movimento de integração entre pessoas com e sem deficiência no ambiente escolar gerou impactos nos recursos de instituições e redes que recebiam verbas governamentais para manter os alunos. A assinatura do decreto também se baseia neste cenário. A peça observa que trazer os recursos de volta, por meio do incentivo à criação de salas especiais, seria a saída.

Na ocasião da divulgação da assinatura do decreto, o ministro Milton Ribeiro declarou, em entrevista coletiva, que "muitos estudantes não estão sendo beneficiados

em aulas comuns". Mesmo com obstáculos a serem vencidos na educação inclusiva, especialistas na área observam que a atenção do governo deveria voltar-se para a

capacitação dos profissionais que recebem estes alunos e dar mais estrutura para as escolas regulares em vez de separá-los, retrocedendo à exclusão.

Mobilização nas redes sociais

Larissy Araújo, assessora de Educação Especial da Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad) na Paraíba não apoia o decreto. "Nós da Funad, militantes da educação especial, vemos a Política Nacional de como um verdadeiro retrocesso. Ela vai de encontro a legislação, a convenção da pessoa com deficiência e acaba segregando as crianças com deficiência. Nós acreditamos que o melhor caminho e maneira de se colocar uma política inclusiva é que todos esses estudantes tenham a possibilidade e opção de ficar junto dos alunos sem deficiência e sem transtornos", declarou a assessora.

Para questionar o retrocesso, pais e alunos com deficiência mobilizam-se nas redes sociais desde a assinatura do decreto. Se observa que o número de matrículas em escolas regulares ou "normais" se dão e são crescentes ano após ano apenas porque os alunos com deficiência conseguiram atingir níveis de desenvolvimento satisfatórios. Renato Janine Ribeiro, ex-Ministro da Educação, professor, filósofo e escritor também avalia a medida como retrocesso.

Em entrevista no Giro Nordeste, programa que conta com participação de jornalistas de empresas públicas de comunicação dos nove estados da região, o escritor respondeu a equipe do Jornal A União que "a maior parte dos educadores vêm argumentando que é importante unir. O argumento para separar a educação é que, por ter deficiências especiais você pode ter profissionais que estão mais preparados para isso e quando você coloca na sala com alunos normais exige um maior esforço dos professores. Mas evita segregação, força as pessoas a conviverem com a diferença e os outros alunos vão respeitar mais essas diferenças. No passado, por exemplo, era comum que as pessoas fossem apelidadas pejorativamente pela deficiência como um defeito. E hoje se respeita as pessoas como são. Quando você tira isso com o pretexto de que as crianças com problemas só tenham colegas iguais ela, limita muito o crescimento psicológico. Pode até ganhar em conteúdo, mas o papel fundamental da educação é formar a pessoa. E essa pessoa ganhará convivendo com o diferente, sem capacitismo", avaliou o professor.



Especialistas criticam a separação dos alunos com deficiência do convívio com pessoas sem deficiências nas escolas



Continua na página 6



Fotos: Pixabay

Segregação de crianças nas escolas não representa inclusão

▶▶▶ Continuação

Evolução a partir da inclusão

Trabalho contra o preconceito pela diferença precisa ser construído e debatido com os estudantes de todas as idades

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

O decreto, além de ser pensado pelo ponto de vista político, precisa ser pensado do ponto de vista humano. A funcionária pública Kivya das Neves Silva é mãe do estudante João Paulo de 14 anos. O adolescente tem autismo, déficit de atenção e dislexia e é estudante do Instituto Dom Adauto, em João Pessoa. Para quem convive com pessoas com deficiência, a evolução a partir do momento de inclusão do aluno na rede de ensino regular é perceptível nitidamente.

Para Kivya, existe um João Paulo antes e outro depois da interação com os colegas na escola.

“Ele era bem retraído,

não se comunicava muito bem com as pessoas. Uma das características dele é se retrair. Depois que ele entrou na escola ele fala de igual para igual com os amigos da escola. Houve bastante melhoria no seu desenvolvimento, imensuravelmente significativo. Hoje fico totalmente segura em deixar meu filho na escola. É um absurdo que isso seja pensado porque é um retrocesso. As crianças com deficiência tem que ficar próxima de crianças normais para que eles possam pegar o ritmo da vida. Porque se a convivência for só com crianças com deficiência, o desenvolvimento deles vai ser limitado”, afirmou a mãe de João Paulo.

No Instituto, João Paulo recebe apoio de cuidadores

que, segundo a mãe, “estão ali muito mais do que para estar do lado deles em necessidades especiais do dia a dia, são profissionais que precisam de respeito e de serem treinados cada vez mais porque tem muitos que não são também”. O que é dito pela mãe de João Paulo respalda o que especialistas do Brasil buscam neste momento: reverter as verbas que o governo designou para a profissionalização desses cuidadores, tutores e professores. Durante a pandemia, sem aulas presenciais, Kivya é que apoia o filho nas atividades.

A convivência é importante não apenas para as pessoas com deficiência. O trabalho contra o preconceito pela diferença precisa

ser construído e debatido entre todos os estudantes, de todas as idades e em todo o mundo. Em uma realidade em que escolas especiais são tidas como a opção mais viável para alunos com deficiência, a adaptação desse novo aluno em um cenário “normal” poderia gerar pensamentos capacitistas do olhar dos outros.

Desde a década de 1940, com a criação de escolas especiais fruto da luta de pais de crianças com deficiência, o Brasil vinha avançando, pouco a pouco na política de incentivo à educação inclusiva. Em 1988, a responsabilidade da educação de pessoas com deficiência tornou-se responsabilidade do Estado. Em 2015 a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com De-

ficiência e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, reformulada em 2017, incluiu, inclusive o uso correto de termos sobre pessoas com deficiência e o campo de atuação das escolas. Buscando tornar a escola um lugar mais acessível. O novo decreto regride com esses poucos, mas valiosos avanços.

Em João Pessoa, Odésio Medeiros, presidente do Sindicato das Escolas Particulares da capital, afirmou que mesmo com o decreto, as escolas vão continuar atendendo as crianças com necessidades especiais, com poucas exceções. No entanto, o presidente recebe o decreto com naturalidade. “As escolas particulares estão preparadas para receber esses alunos como sempre

estiveram. Estamos prontos para atender, só não estamos preparados, ainda, para receber pessoas com transtornos mentais. Mas podemos discriminar sim a partir dessa medida”, relatou Odésio.

Kivya, mãe de João Paulo é enfática e opina sobre o decreto percebendo que a segregação não representa inclusão. “Eu acho isso uma tremenda falta de respeito não só com as pessoas com essas necessidades, mas para com uma sociedade como um todo. Inclusão social já está dizendo: incluir. É lei, não é novidade para ninguém. Não sei porque eles estão querendo ignorar essa lei que está em vigência a tanto tempo. E isso é um direito deles, eles não estão pedindo favor para ninguém, não é verdade?!”



Para quem convive com pessoas com deficiência, a evolução a partir do momento de inclusão do aluno na rede de ensino regular é perceptível nitidamente





Um mundo virtual que às vezes guarda surpresas para o real

Nas vitrines das redes sociais, amizades se estreitam, casais se formam e antigos colegas se reencontram

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Em terra de redes sociais digitais quem tem muita curtida é rei. Talvez seja esse um dos objetivos de quem se propõe a expor o dia a dia no Instagram ou Facebook, duas das mais populares na atualidade. Além de vitrines esses espaços virtuais são territórios de socialização, possibilitando, inclusive, contatos reais. Se não aconteceu com você, que está lendo essa matéria, é provável que já tenha acontecido com uma pessoa próxima. Através do smartphone amizades se estreitam, casais se formam e colegas se reencontram. Mas assim como na vida real, nem tudo são flores no mundo virtual e do mesmo jeito que aproximam as redes sociais digitais são capazes de afastar, basta um dislike e em casos mais 'graves' um bloqueio para que laços sejam desfeitos. Mas uma coisa é essencial em todo esse processo: é preciso conhecer os códigos e saber interpretar-los, estar por dentro do internetês é essencial para quem quer habitar ambientes virtuais.

"Existe emoção real no ambiente virtual, agora é preciso distinguir o que significa cada intenção, cada comentário ou curtida e compreender

também quando essas mesmas ações não querem dizer absolutamente nada!", diz Maria (nome fictício) que divorciada aos 41 anos tem dedicado mais tempo às redes, principalmente ao Instagram. A entrevistada conta que passou a postar com mais frequência, após o término do casamento, e que o número de acessos foi aumentando gradativamente. "Mas eu ainda estou aprendendo a lidar com a ferramenta. Eu não sabia usar os stories, não tinha nem noção que podia salvar filtros de outras pessoas e utilizar nas minhas postagens... sabia de quase nada mesmo, estava enferrujada". Mas hoje a rede é um canal de paquera e já proporcionou a Maria a possibilidade de conhecer pessoas que hoje fazem parte da vida da entrevistada. "Quando curte ou assiste tudo que eu posto eu já entendo como um interesse, aí dou aquela olhadinha de volta". Curtida vai, curtida vem e foi assim que começou um relacionamento real. "Nos encontramos algumas vezes, nossa intenção não era engatar nada sério, foi bacana enquanto durou e até hoje papamos e trocamos curtidas no insta". A entrevistada conta que está mais familiarizada

com os códigos, mas que no início sofreu um pouco para se acostumar com a linguagem. "Muitos emojis, abreviações... vou dizer uma coisa, antes eu pensava que quem colocasse a carinha com os olhinhos de coração necessariamente estava se declarando pra mim. Foi a filha de uma amiga que disse que não era pra tanto, que poderia ser um elogio apenas", confessa em meio a risos.

Mas será que uma curtida significa mesmo gostar do que viu? Será que o fato de acompanhar as postagens de alguém significa interesse na pessoa? Maria aprendeu que nem sempre. "Tanto que fiz um fake para acompanhar as postagens do meu ex-marido e longe de mim ter qualquer interesse nele, jamais. Vejo mais por conta da nossa filha, gosto de ver o que faz quando está com o pai".

Há anos nas redes sociais a influenciadora e apresentadora Priscilla Macedo, 29, conhece bem as artimanhas do mundo digital. Amizades e até paqueras já receberam uma 'forcinha' do Instagram e do Facebook, disse. Papos que, a depender do interesse, normalmente são encaminhados para o Whatsapp. "Realmente se você souber direcionar a pessoa vai entender se você quer ou se você não quer". Priscilla conta que nas redes sociais

digitais muitas vezes nem é preciso usar palavras, emojis e figurinhas por si só são capazes de mandar o recado. "Demonstram sim interesse e até sinais de desejo, com o diabinho por exemplo. No caso das figurinhas, elas às vezes deixam algo subentendido, além de terem a capacidade de deixar a conversa mais leve e mais divertida".

Diferentes interpretações

Mas não é todo mundo que compreende ao certo as mensagens, principalmente as escritas que de certo modo abrem espaço para diferentes interpretações. A entrevistada lembra de um caso em que foi, digamos, mal interpretada. "A gente vinha conversando e o menino falou que queria me conhecer mais, pessoalmente e eu confirmei. Combinamos de nos encontrar depois que eu terminasse as funções do dia... marcamos e ele disse que queria me encontrar na casa dele e eu disse bem diretamente que não tínhamos intimidade e que não iria pra casa dele, cortei conversa e dei boa noite". É, nem sempre rola o famoso match expressão que, mal comparando, significa que 'os santos bateram', o que nem sempre acontece. "Tem casos em que na volta do encontro, no uber mesmo você já bloqueia sem nem dar tchau. Aconteceu com uma amiga








próxima semana passada e a gente deu risada da situação".

Iniciar qualquer contato no mundo virtual e partir para o real pode ter lá as suas surpresas, Maria que o diga. Teve um susto quando conheceu pessoalmente uma pessoa com quem conversava há cerca de dois meses. "Primeiro que você nunca vai ficar pra sempre no virtual, naturalmente mais cedo ou mais tarde os coraçõezinhos e fogueirinhas vão virar beijos e abraços reais, vai haver a necessidade disso evoluir, o que nem sempre dá certo. Acho que nesse caso ele pesquisava os textos na internet, porque tinha um papo tão bacana, tão inteligente e quando saímos pra jantar a impressão que tive foi justamente o contrário, que estava compartilhando a mesa com um menino, não sei, pareceu bobo". Foi o primeiro e último encontro real, mas os dois ainda se seguem no Instagram e continuam curtindo e comentando as postagens um do outro. "Entendi também que quando fica bem resolvido não é preci-

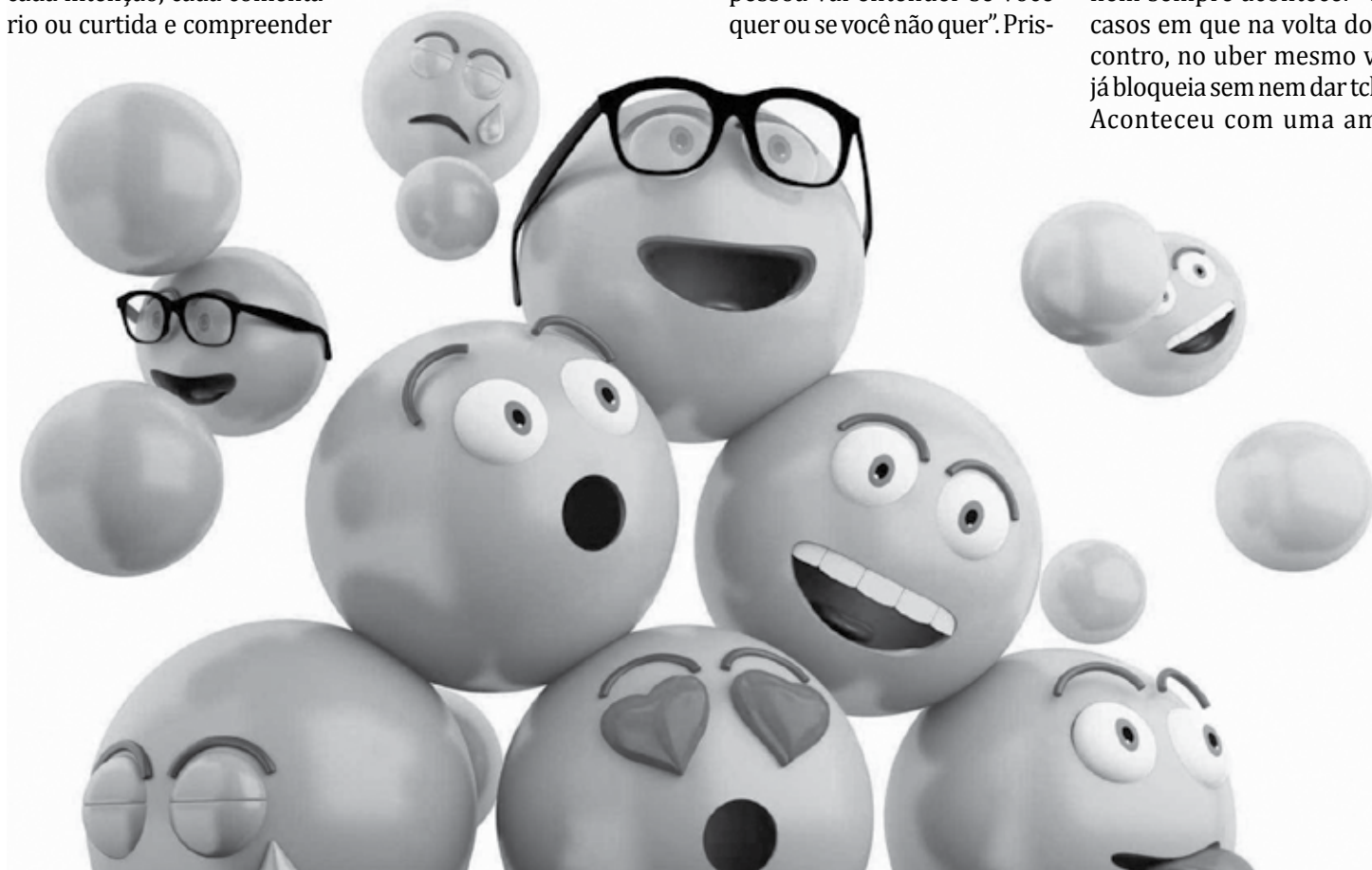
so deixar de seguir, bloquear, não nesse caso. Houve uma decepção da minha parte e não tenho mais interesse nele, não tenho problema algum em continuar acompanhando o que ele posta".

Por isso Priscilla Macedo prefere o modo antigo de conhecer pessoas, muito embora reconheça a importância do virtual. "Prefiro conversar com pessoas reais, apresentadas por amigos, conhecidos da turma. É muito mais interessante". Bom é saber que existem as duas possibilidades e que curtidas e comentários podem sim ser o pontapé inicial de um relacionamento, só é necessário que a pessoa esteja atenta ao que quer comunicar para não gerar confusão. "Agora eu já sei que um emoji com olho de coração pode significar que a pessoa amou a foto, que se identificou com a imagem ou também que pode ter interesse em você, acho que o que vai definir ao certo são as conversas que podem surgir depois", finaliza Maria.

TABELA COM ALGUNS DOS EMOJIS MAIS USADOS

-  "Rostos com chifres" pode ser usado alternadamente para mostrar a travessura ou malícia.
-  "Rosto Beijando" e "Rosto jogando beijo" são usados para mostrar romance ou afeição.
-  "Rosto sorridente com olhos em forma de coração" mostra amor, adoração ou gratidão.
-  "Rosto Neutro" mostram falta de emoção. Eles podem ser usados para mostrar que alguém não está impressionado, indiferente ou desajeitado.
-  "Rosto sem expressão" expressa insatisfação ou suspeita.
-  "Rosto com uma sobrancelha erguida" mostra ceticismo ou desaprovação.
-  "Rosto Mentindo" apresenta um nariz crescendo, assim como Pinóquio. Para ser usado quando há suspeita de que alguém não está falando a verdade.

Retirado do site TechTudo.com.br





Mari:

Vocação na agricultura e piscicultura

Cidade nasceu entre a Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus e a linha férrea, tendo sua emancipação em 1958

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Ele está logo aqui ao lado, cerca de 68 quilômetros da capital João Pessoa. É conhecido pela feira livre, pela fé do povo e por ser uma cidade tranquila. Tem na agricultura e na piscicultura duas fontes geradoras de emprego e renda. Estamos falando de Mari, município da Zona da Mata paraibana com pouco mais de 21.800 habitantes e que possui uma área de 154,8 km², segundo o último censo. É vizinho dos municípios de Cuité de Mamanguape, Gurinhém, Mulungu e Sapé, esse último o maior da região e de onde a então Vila Araçá dos Luna Freire se emancipou em 1958, quando ganhou o nome de Mari.

A cidade, que tem nome de um arbusto muito comum na região à época, nasceu entre a Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus e a linha férrea, mas logo se expandiu. Cortada por duas rodovias estaduais, a PB 073 que liga o município à Guarabira, e a PB 051, que dá acesso a Caldas Brandão, Mari tem o acesso facilitado, o que permite o aumento da população, principalmente em dias de feira quando, além dos marienses, clientes e feirantes saem de outros municípios para a cidade. A feira livre acontece aos sábados e é famosa pela variedade, qualidade e por comportar ainda a feira agroecológica, onde produtos fresquinhos e livres de agrotóxicos são comercializados. Ruas inteiras são fechadas para que feirantes e clientes transitem des-

preocupados e se atentem apenas para as compras e suas inúmeras opções. Impossível não sair com as sacolas cheias.

Na piscicultura é a tilápia, peixe de água doce conhecido pelo sabor suave, responsável por colocar Mari no segundo lugar de produtor do Estado e, na agricultura, a mandioca lidera, preenchendo 1.300 hectares de terra e fazendo do município o maior produtor da Paraíba.

Mari também celebra datas importantes com duas grandes festas. A de São Sebastião, padroeiro da cidade, realizada no mês de janeiro e também o aniversário, festejado em setembro, mais propriamente no dia 19, data de emancipação da cidade. Comemorações que passam pelo sagrado e pelo profano e que reúnem uma multidão animada. Passear por Mari é se deparar com praças que estão quase sempre cheias de pessoas que se reúnem seja para uma conversa de fim de tarde ou ainda para praticar exercícios. E se deparar com o simpático coreto ladeado pela singela imagem de Cristo e por palmeiras reais que embelezam ainda o lugar.

E se tem história e natureza Mari aproveita e oferece aos moradores e visitantes uma trilha que une as duas coisas. O passeio permite conhecer mais as riquezas do lugar, com detalhes que muitas vezes passam despercebidos. Passar do pórtico da entrada significa ter a possibilidade de conhecer uma cidade agradável e que está sempre de braços abertos para receber.

Cultura em Mari

A terra de Antônio e Miro do Babau, artistas populares que dão vida aos mamulengos considerados patrimônio cultural e imaterial da Paraíba, é também lugar de poetas e repentistas. Quem teve a oportunidade de ouvir Manoel Ribeiro Vicente, José Xavier, José Ermínio, entre outros talentos, entende que criatividade se converte em rima e se eterniza. As palavras que divertem também emocionam e acabam virando a marca de um povo que tem na feira, o palco ideal para a arte. Seu Severino da Rabeca e Dona Olegária Bonequeira também enaltecem a cultura local, conhecida da mesma maneira pela culinária. Passar por Mari e não deliciar uma macaxeira completa é como ir a Roma e não ver o papa. É possível também provar os derivados do tubérculo, já que um simpático bistrô da cidade serve lanches e refeições que têm como base a mandioca e a batata doce.

Mas Mari também foi terra de um paraibano ilustre. Há quem diga que o escritor e poeta Augusto dos Anjos, nascido em Sapé, de certo modo tenha vivido também em Mari já que à época não havia ocorrido ainda a emancipação da cidade. “Quando Augusto dos Anjos estava entre nós, Mari não existia aqui ainda, era uma vila ligada ao Município de Sapé, que só foi emancipado em 1925”, confirma Severino Ramos.

Mari e a luta no campo

A pequena cidade protagonizou uma forte história na luta dos

trabalhadores do campo, que reivindicavam a tão sonhada Reforma Agrária. Conhecida como ‘Tragédia de Mari’, o confronto resultou em 11 mortes, como conta o historiador Severino Ramos. “No final de 1963 já havia toda uma discussão em torno da luta dos trabalhadores da região pela conquista da terra visto que eles eram altamente prejudicados, sem nenhum direito. No início de 1964, alguns agricultores foram até a Fazenda Santo Antônio, entre Sapé e Mari, e ali encontraram alguns capangas da usina e numa ação rápida conseguiram tomar algumas armas”.

O entrevistado lembra que

algumas eram de uso restrito do Exército Brasileiro. O fato gerou represália e dias depois o capataz da usina, com alguns policiais e capangas, foram até Mari. “Ali encontraram o presidente do sindicato à época e solicitaram a arma, que foi entregue prontamente. No ato da entrega, um dos soldados saca de uma metralhadora e começa a atirar nos trabalhadores que reagiram com enxadas e enxadecos e houve o confronto”, detalhou. Até hoje a chacina é lembrada e muitos moradores, mesmo décadas depois, evitam falar sobre o ocorrido que manchou de sangue a história do município.



A cidade de Mari pode também ter abrigado o poeta Augusto dos Anjos, nascido em Sapé

Neste domingo, sob pressão por estar na zona de rebaixamento, Botafogo enfrenta o Jacuipense e precisa de uma vitória para melhorar sua posição no grupo A da Série C. Página 12



Foto: Acorn/Botafogo

Ensaio aborda tragédias que levaram à Revolução de 1930

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

Um ensaio histórico, resultado de quatro anos de pesquisas realizadas a partir de 2015 e que contém dados importantes, a exemplo de informações sobre a morte da professora e poetisa paraibana Anayde Beiriz (1905-1930), que mantinha um relacionamento amoroso com o jornalista e advogado João Duarte Dantas (1888-1930). Escrito pela pesquisadora e historiadora pernambucana Ana Maria César, *Três homens chamados João: Uma tragédia em 1930* (410 páginas) está sendo lançado em formato digital pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), e faz referência às mortes de João Pessoa (1878-1930), João Suassuna (1886-1930) e o já citado João Dantas.

“Desde quando era criança eu ouvia as histórias que meu pai, paraibano de Cajazeiras, me contava sobre a Revolução de 1930”, relembra a autora. “No entanto, os livros que tenho publicado são sobre história contemporânea. Então, aqueles relatos do meu pai ficaram no meu inconsciente e, por considerar a Revolução de 1930 o maior movimento revolucionário do país, uma epopeia, uma odisseia, porque teve início na mente das pessoas numa época em que o sistema oligárquico não percebia que a população estava necessitando de uma nova ordem social, decidi escrever esse livro, apesar de ser um tema bastante debatido, ao longo dos anos. Com isso, meu objetivo é resgatar e preservar, para as novas gerações, essa nossa história”, afirmou a pesquisadora.

Ana Maria César comentou que, na obra, faz alusão de maneira breve à conjuntura nacional da época e incluiu Pernambuco no ensaio histórico porque protagonistas da trama morreram em Recife, a exemplo do então presidente da Parahyba, João Pessoa, assassinado a tiros por João Dantas, na Confeitaria Glória, no dia 26 de julho de 1930. “A Paraíba, Minas Gerais e o Rio Grande do Sul eram estados revolucionários e foi em Pernambuco que houve adesão popular à Revolução de 1930, deflagrada na tarde de 3 de outubro. E foi até 24 de outubro, quando o Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, foi invadido e o então presidente, Washington Luis, teve que se retirar. Quarenta e oito horas depois do início do movimento, quando os revolucionários paraibanos chegaram a Recife para ocupar espaços, o povo já havia feito isso. A Paraíba e Pernambuco são dois estados irmãos”, explicou ela, lembrando ainda que João Dantas e Anayde Beiriz também morreram na capital pernambucana.

“Considero o que houve, na época, uma tragédia. Não havia necessidade das três mortes para que a Revolução de 1930, que foi vitoriosa, acontecesse. João Dantas não matou João Pessoa por



‘Três homens chamados João’ resgata e colhe informações importantes sobre as mortes de João Pessoa, João Suassuna e João Duarte Dantas

Obra de mais de 400 páginas é o resultado de quatro anos de pesquisas, contendo novas perspectivas dos fatos, a exemplo da morte da poetisa paraibana Anayde Beiriz



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Editora Cepe

“Considero o que houve, na época, uma tragédia. Não havia necessidade das três mortes para que a Revolução de 1930, que foi vitoriosa, acontecesse”

problemas políticos, mas por motivo pessoal, a partir do momento em que assaltaram o seu escritório em João Pessoa, quando ele estava em Recife, e passaram a divulgar, pelo jornal *A União*, documentos e informações de seu diário. Não havia cartas a Anayde Beiriz. Em 6 de outubro, mataram João Dantas e seu cunhado, Augusto Caldas, que estavam detidos em Recife, com cortes na jugular dos dois. Dantas deve ter lutado, pois foram dois cortes profundos e havia sangue da cabeça aos joelhos”, comentou a historiadora.

Rascunhos históricos

Sobre o terceiro João do livro, Ana Maria César contou que o então deputado federal foi morto a tiros pelas costas, em 9 de outubro, no Rio de Janeiro, quando estava na cidade para se defender do indiciamento ao lado de João Dantas. “Consegui acessar o *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, contendo as informações daquela época e vi todos os detalhes sobre a prisão do pistoleiro que matou João



Livro da historiadora pernambucana Ana Maria César tem como objetivo preservar a história do movimento revolucionário para as novas gerações

Suassuna, que teria sido mandado pelo general Aristarco Pessoa e, com isso, fechou o ciclo da vingança. Os jornais são os rascunhos da história”, afirmou a autora.

Para a historiadora, a história não tem ponto final, pois sempre se encontra algo por meio de pesquisas. “Se dizia que Anayde Beiriz suicidou-se ao tomar veneno, mas que ninguém havia feito inquérito. Entretanto, ela não morreu logo, mas depois de alguns dias, no Bom Pastor, porque não tinha mais saída e nem para para onde

ir, porque João Pessoa era um ídolo, na época, e seu assassinato exaltou os ânimos”, apontou. “Eu não sabia que ia encontrar, mas houve um inquérito e estava no cofre do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Uma amiga minha, que era a presidente da instituição na época em que pesquisava para produzir o livro, me falou e me entregou uma cópia e inclui informações a respeito na obra”, ressaltou Ana Maria.

A pesquisadora informou que a previsão é de que

a Cepe passe a produzir a versão impressa da obra a partir de novembro. Enquanto isso não ocorre, a edição digital se encontra nas principais plataformas de e-books, ou no próprio site da editora.

Ana Maria César pretende lançar a versão física de *Três homens chamados João: Uma tragédia em 1930* no ano que vem, na cidade de Recife, em sessão conjunta da Academia Pernambucana de Letras com a Academia Paraibana de Letras, quando ela espera haver melhorias na situação causada pela pandemia.

Natural da capital pernambucana, Ana Maria Ventura de Lyra e César é bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Recife e em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Pernambuco. Ela integra a Academia Recifense de Letras, União Brasileira de Escritores - Seção PE e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. *Três homens chamados João* é o seu décimo segundo livro e já publicou obras em outros gêneros, inclusive em poesia e ficção.

Arrigo Barnabé e o atonalismo

A música é uma das invenções humanas mais antigas e extraordinárias. É impossível dizer o momento exato do seu surgimento. Especula-se que exista desde a Pré-História. Não conhecemos uma sociedade sem algum tipo de música.

Uma ideia comum entre historiadores é que sons e ritmos da natureza serviram de inspiração para as primeiras criações musicais. O que faz sentido. Como também, penso eu, uma certa propensão humana à ordem, provavelmente consequência de sua condição social, e a busca pelo prazer provocado pela beleza.

A música é um tipo de organização sonora, de padrões rítmicos no tempo e no espaço. A arte que para Arthur Schopenhauer revelaria “mais profundamente a verdadeira natureza do mundo” e provocaria o gozo “mais delicioso de todos”. As formas estéticas, porém, tendem a variar historicamente e estão sujeitas a fatos culturais.

A música ocidental moderna é baseada no sistema tonal cuja escala diatônica está dividida em sete notas e seus respectivos semitons. Esse sistema surgiu ainda na idade média. Não faltaram tentativas de romper com ele, especialmente no mundo da música erudita. Temos experiências ricas ao longo do século 20, um exemplo é o dodecafonismo de Arnold Schönberg e o expressionismo de Alban Berg.

Segundo Tom Zé, o sistema tonal seria uma prisão inventada pela Igreja Católica e o papa Gregório I. A maneira como os primitivos cristãos cantavam, diz ele, parecia bastante com o canto árabe por causa das características melódicas microtonais.

Numa entrevista a João Soares, Tom Zé afirma que “essa prisão foi fundada do século 9 em diante. Todos os físicos da história da música passaram mais de 10 anos discutindo se de dó pra ré era $\frac{1}{4}$ de 444... até chegar à conclusão desse dó, ré, mi, fá... só se tinha certeza dos dois dós que

todo mundo sabe que é uma oitava, que é uma metade da vibração da corda.”

O mais interessante é como os séculos de predomínio do sistema tonal produziram uma percepção musical culturalmente condicionada na qual temos dificuldades de captar intervalos menores que um tom ou semitom. Houve assim o que podemos chamar de uma educação dos sentidos.

A música indiana e indonésia, por exemplo, são marcadas pelo microtonalismo. O que gerou nos ouvintes outro tipo de percepção. Entre dó e ré existem nove semitons (comas), mas a nossa escala diatônica só reconhece apenas um (dó sustenido ou ré bemol). O coma é o menor intervalo sonoro que somos capazes de ouvir.

O sistema tonal é dominante do pop ao death metal. Na música popular brasileira temos boas experiências de subversão estética a esse modelo. Um trabalho que gosto muito e que marcou uma era é o álbum *Clara Crocodilo*, de Arrigo Barnabé. Um dos principais expoentes da Vanguarda Paulista, ao lado de Itamar Assunção. O disco é 1980.

Em *Clara Crocodilo*, ele explora as linguagens do atonalismo livre, do dodecafonismo e do serialismo na composição de canções. Sempre que ouço o disco, sinto que estou numa realidade paralela com ares distópicos, o que é acentuado pelas temáticas das letras, a voz cavernosa de Arrigo e os backing vocais agudos e “caóticos”. É como se estivesse, estranhamente, em *Laranja Mecânica* com Alex e sua gangue de *drugues* conversando algo em *nadsat* (vocabulário do grupo).

No ano passado, Arrigo apresentou ao público um show em que interpretou canções de Roberto e Erasmo. O casamento do vanguardismo com as canções de uma das maiores duplas de compositores populares do Brasil levou a versões inusitadas, que valem a pena serem ouvidas.

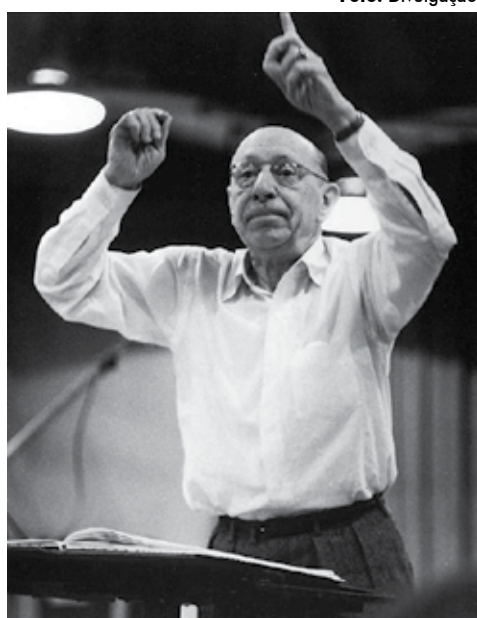
Arrigo bem que poderia gravar um disco como essas versões. É possível ouvir alguma delas no YouTube.

Tradição, ruptura e explosão

O russo Ígor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971), foi compositor, pianista e regente que experimentou diversas técnicas e percorreu diversos estilos ao longo de sua carreira, o que resultou em uma obra heterogênea. A sua pluralidade e força de tantos entrosques e contradições, assumiu em sua música uma forma de representar as crises e transformações que movia o mundo daquela época, que sobreviveram nos dias atuais. Ele afirmou que “a música é, pela sua própria natureza, essencialmente impotente para expressar seja o que for”.

Stravinsky sempre demonstrou, de forma intensa, um desejo de aprender arte, literatura e descobrir o sentido da vida. Os seus gostos em literatura foram os mais diversos, demonstrou o desejo por novas ideias e métodos. As fontes literárias para o seu trabalho iniciaram com o interesse na tradição do folclore russo, que o conduziu para autores clássicos e literaturas latina, francesa e inglesa, e poesia inglesa medieval. No final da sua vida, dedicou a ler a Bíblia. Stravinsky buscou apresentar a contribuição e o sentido de “homem do mundo”. Ele era tolerante e sabia conviver com adversidades. Ele foi pai muito dedicado aos filhos. A sua religiosidade estava na Igreja Ortodoxa Russa. Nessa religiosidade ele afirmou que “a música louva Deus. A música é tão bem ou melhor capaz de louvá-Lo que o edifício da igreja e toda a sua decoração; é o maior ornamento da Igreja”.

Stravinsky compôs três peças que marcaram sua fama internacional. A primeira foi o balé ‘Pássaro de Fogo’, em 1910; a segunda o balé ‘Petrushka’, em 1911; e a terceira o balé ‘A Sagração da Primavera’, em 1913. Essas peças marcaram o processo inovador e revolucionário na estrutura rítmica criada por Stravinsky. Sua fase inicial é caracterizada pelas influências do folclore russo. O balé ‘O Pássaro de Fogo’ apresenta uma força imaginativa e simbolismo na orquestração. O balé ‘Petrushka’ mostra a mitologia folclórica. E ‘A Sagração da Primavera’ apresenta a perversidade da Rússia pagã, que inspirou temas violentos durante esse balé. A sua segunda fase é conhecida a partir de 1920 até 1950. Nessa fase, Stravinsky se inspira no barroco e neoclassicismo. Naquele período ele utilizou as formas musicais tradicionais, que são o



Compositor russo Ígor Fiódorovitch Stravinsky concerto grosso, a fuga e a sinfonia, caracterizadas por grandes explosões emotivas. Nessa fase ele compôs para instrumentos de sopro, piano, coral e peças de câmara. A sua terceira fase inicia a partir dos anos de 1950, nesse período ele usa técnicas de composição seriais, que inclui o dodecafonismo e apresenta a densa energia rítmica e a construção de ideias melódicas desenvolvidas a partir de duas ou três notas, também apresenta uma melhor clareza na forma, instrumentação e expressão vocal. Stravinsky compôs diversas obras fundamentais do repertório erudito, e ao visitar os principais gêneros da música clássica – sinfonias, concertos, óperas e oratórios – ele reinventou a todos. À medida que diversificava em várias fontes, o seu interesse se concentrava no valor da forma e na arquitetura musical. Dessa forma, o compositor deu contribuições vigorosamente renovadoras. Sua imaginação é tão forte quanto sua racionalidade, também de dominar, num processo de depuração e de síntese, os elementos contrastantes de sua experiência de vida eslava e ocidental. Stravinsky consegue de um lado, na atitude anti-romântica, mas rebelde, promover a fusão do bárbaro e do moderno, do exótico e do universal. Esses conflitos são cada vez mais intensos e visíveis nos dias atuais.

O método de compor de Stravinsky era aleatório e não era conhecido por orientar-se composicionalmente pela estética das harmonias e orquestrações que o agradavam. Ele não se importou de ser considerado muito dissonante, no

início de sua carreira, pelos defensores do tonalismo, e nem tão pouco, mais adiante, de ser chamado de neoclássico pelos defensores do atonalismo. Aos 75 anos, ele demonstrou interesse pela tecnologia musical, que permitia explorar variantes sonoras como a decomposição do espectro sonoro, de modo a estudar e reconstruir o timbre musical. Percebe-se que ele buscou novas estéticas. Sempre buscou inovar e não cumprir regras, independente das pressões e críticas que sofreu por ser um pensador livre de todos padrões.

No contexto desse texto, apresento poemas do revolucionário poeta Vladimir Maiakovski (1893-1930):

Dedução

*Não acabarão nunca com o amor,
nem as rusgas,
nem a distância.
Está provado,
pensado,
verificado.
Aqui levanto solene
minha estrofe de mil dedos
e faço o juramento:
Amo
firme,
fiel
e verdadeiramente.*

Na extensão dessa coluna, sintase convidado a audição do 291 Domingo Sinfônico, deste dia 1º, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. É um programa que apresento aos domingos. Faça uma análise musical, comento o contexto histórico da peça, a vida do compositor e suas influências e contribuições para com a estética. Nesta edição vamos conhecer o pianista, regente e compositor russo Igor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971). Irei comentar as três fases de Stravinsky: do nacionalismo russo; a neoclássica; e dodecafônica. Também as contribuições de Stravinsky para superar a crise do método na arte e ciência no início do século 20, e sua ruptura com o formalismo russo e fisicalismo e a importância de Stravinsky para a construção do senso crítico como forma de romper o medo e a alienação, a fim de destruir as perversas políticas de Estado que empobrece, escraviza, enlouquece e mata a cultura e o povo.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Colecionador de nichos

Vi um urso de pelúcia largado sobre o asfalto da minha rua. Parecia um cavalo marinho. Vi uma cômoda velha perto da beira-mar e mais adiante, um apartamento escancarado com um idoso chorando na janela. Vi um padre lendo Dostoiévski, não era o padre que forjou seu sequestro. Nem era *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. Esse ou Eça?

Vi quadros de um artista frustrado, pendurados do lado de fora do esquecimento. Vi um pangaré sendo espancado por um homem. Passava das três da tarde. Animal!

Vi novamente Maria Bethânia no show amor, festa e devoção. Vi meus amigos jornalistas partindo: Lena Guimarães, Adelson Barbosa e Humberto Lira. Pelos cobogós vi uma mulher nua lavando roupa. Na calçada da praia, vi duas jovens de mãos dadas. Vi um jovem falando do mito de Perséfone, filha de Zeus, e lembrei da Madonna ardendo na cama de Evita Perón, junto dos *bud-denbrook movie*. Vi o sagrado e o profano.

Vi uma nutricionista loira, parecia de cera, falando no Instagram de alimentação enteral e parenteral e achei delicioso. Vi um cuidador e seu paciente “voando”. Mas não vi os deuses da chuva. Ouvi uma doutora dizendo que sabe mais que eu. Eu não sei nada.

Vi um cara, a cara de Bruce Lee. Em casa, li Bruce Chatwin, um escritor historiador, que no seu livro *Utz*, fala de um colecionador tcheco de raras porcelanas. O colecionador percebeu nas porcelanas simulacros de golems, figuras feitas de argila que podem adquirir vida, ou que praticamente viraram sombras. Você acredita em reencarnação?

Vi uma mulher e um homem fugindo da polícia. Pensei no filme *Acosado* (1960), de Godart. Minha visão não dependo somente de imagens. Outro dia, dancei em torno da mesa da cozinha para mostrar meu balé. Vi filósofos escondendo aspectos estranhos da personalidade humana. Ou somos nós que escondemos?

Vi um cidadão poderoso passeando na beira da praia com seu cavalo. Achei que era o cavalo Baudelaire, de Hildeberto Barbosa. Vi uma policial armada de idiosincrasias e o restante da galera sem máscaras, com dificuldade de se reconhecer. Tá *crud bro*.

Vi um colecionador de revistas de mulher nua. Só guardei a da atriz Claudia Ohana na capa (janeiro de 1985), com uma aranha negra sobre as partes pudendas, e a Gal Costa, linda, sobre véus. Tenho um exemplar da primeira revista Veja, mas não vejo faz tempo.

Parece que colecionando nichos, guardamos coisas repetidas na mais irrepitível passagem do tempo. Nessa de ficar dentro da pandemia, retirado da realidade, do seu contexto, algo já morto, mas por isso mesmo secretamente disposto a uma nova vida, cujo nome talvez somente o colecionador saiba, mas eu não lembro.

Boto o disco de Rita Lee pra tocar e ela diz que eu tire isso da cabeça e ponha o resto no lugar. É muita demografia.

Vi algumas coisas um pouco confusas e fico pensando em como lidar com elas. Acho que um jeito bom para enfrentar certas complicações é o ponto G entre a introdução e o bel-prazer. Todo mundo tem um ponto G. Vi na calçada do Hotel Tambaú um senhor neurastênico gritando seu nome para vereador.

Ficar no nó entre essas cenas, a que permanece e a que morre, sem acatar a inércia nem o combate remido, é foda. Não digo que sei fazer melhor, mas estou tentando e só a tentativa, já é uma alteração. Carregar o peso e a leveza do corpo na alma, não é pra qualquer um.

Vi um homem a cara de Stalin. Há perigo na esquina!

Kapetadas

- 1 - Nunca estive tão perto de chegar tão longe!
- 2 - Vocês falam não obstante e por conseguinte? Como é isso no léxico de vocês?
- 3 - Som na caixa: “Você traz a Coca-Cola eu tomo/Você bota a mesa, eu como, eu como / Eu como, eu como, eu como / Você”, Caetano Veloso.

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Se há “refri” e cisticerco, o cinema pouco importa

O cinema dos dias hoje já não é mais a arte-mito que sempre foi. E jamais poderia ser; os tempos são outros... O cinema atual perdeu seu real glamour, seus habituais encantamentos e sortilégios. E apesar de estar sendo apoiado pelo diáfano da grande mídia, jamais se diga que o glamour hollywoodiano representa verdadeiramente a magia do cinema. Seria, então, menosprezar a verdadeira face de uma Arte que, durante décadas, sempre foi o fetiche de multidões no mundo todo. Esse mesmo cinema que se perdeu no tempo, ao migrar das comunidades e dos bairros, travestindo-se de pérfido multiplex.

Dias atrás, recebi a solicitação de um parceiro da Academia de Cinema que me pedia para participar de *live*, onde se discutiria sobre a possibilidade de abertura ou não das salas de cinema em João Pessoa. Fiquei em dúvida, se participaria ou não da tão oportuna questão. Refleti bem e usei de uma velha máxima latina: *In dubio pro reo*. Então, optei em não participar, também por outros compromissos agendados. Decidi, então, em favor do próprio réu.

Se é verdade que o cinema vive hoje impetrado por uma causa que não protagonizou, mas que teve seus direitos e liberdades individuais, sociais e empresariais (temporariamente, espero) cassados, em razão da pandemia que ainda se mostra em expansão, óbvio, que os danos até então manifestos não atingem apenas no financeiro dessas empresas, mas seus espectadores. E por mais reservas e protocolos que existam, conforme tem se apregoadado, o risco ainda é grande, a partir dos aglomerados que têm sido inevitáveis.

Recentemente, com desdém, assisti a uma entrevista na qual se afirmava que “só a venda de ingressos com o comércio da bomboniere e publicidade, correspon-



Foto: Divulgação

Cinema tem as suas especificidades, como o verdadeiro e lúdico ritual, ele ainda não é uma mera baiuca

de ao total de 30 milhões de prejuízo. E que por ser a Paraíba uma região rica culturalmente (a não inclusão de salas), está causando a extinção do hábito coletivo de cultura” (sic).

Não vejo dessa forma, o que se afirma de “extinção do hábito de cultura”. Há muito tempo que o verdadeiro hábito de se ir ao cinema foi solapado. Hoje se vai ao shopping; não ao cinema. Infelizmente, falta-nos uma coisa que o cinema exigia: o ritual. Sim, o verdadeiro e lúdico ritual de se ir a uma sala de projeção para se assistir a uma película. Uma preparação sensorial ao cinema já iniciada mesmo antes de adentrarmos ao mundo mágico de luz e sombras.

Quando à pandemia, se existe ou não o cumprimento de protocolos de saúde pelas empresas exibidoras, esse é um assunto que não nos diz respeito direta-

te. E, quanto a afirmação do entrevistado de que, “na Europa não houve registro de doença no público das salas de cinema”, bom é se rever o momento atual, lá mesmo em países europeus. Acreditou-se já estarem fora da pandemia, mas tiveram de rever tudo que é protocolo; porque tudo voltou.

Verdade seja de que, se é grave a questão empresarial e financeira, então que se abram as salas e deixe o seu “gado” adentrar. O que vale nos dias atuais é a pecúnia mesmo... Contudo, vai aqui uma sugestão ao empresariado das salas de shoppings: Por que não sanar seus problemas de finanças vendendo só cisticercos (pipocas) e “refri” (refrigerantes), já que são, como dizem, produtos também da atual cultura cinematográfica? (sic) – Mais “coisas de cinema”, acessando nosso blog: www.alexasantos.com.br.



Linduarte Noronha no rádio e cinema

O cineasta Linduarte Noronha – primeiro ocupante da Cadeira 1 da Academia Paraibana de Cinema (Patrono: Nicola Maria Parente) – teve sua origem no rádio paraibano. Esta afirmação está no novo livro do historiador José Octávio de Arruda Mello, cujo título é *A Arapuan e o Rádio Paraibano – Uma biografia Dual*.

Focado, principalmente, na trajetória do radialista Otinaldo Lourenço, o livro registra participação de Otinaldo no programa Sala de Espetáculos, diário da Rádio Arapuan, “e Linduarte Noronha que, desde 1944, militava na radiofonia paraibana.” A *Arapuan e o Rádio Paraibano* será lançado no próximo sábado, às 9h, na API, em João Pessoa. O autor registrou um convite extensivo aos membros da Academia de Cinema, que está sendo aqui registrado.

Cinema

Novo longa de François Ozon vai ser exibido no Festival Varilux 2020

Cineasta consagrado, François Ozon é presença constante no Festival Varilux. Depois do premiado *Graças a Deus*, do ano passado, mais um de seus sucessos integra a edição 2020 do Festival Varilux de Cinema Francês, programado para os cinemas de todo o país entre 19 de novembro e 3 de dezembro. Agora é a vez de *Verão de 85*, selecionado para o último Festival de Cannes.

O drama, protagonizado por Félix Lefebvre e Benjamin Voisin, é baseado no livro do autor britânico Aidan Chambers, *Dance on My Grave*. No longa, quando o barco de Alexis (Félix), de 16 anos, afunda na costa da Normandia, David (Benjamin), de 18 anos, salva-o heroicamente. Alexis acabou de conhecer o amigo dos seus sonhos. Mas o sonho vai durar mais de um verão? O elenco conta ainda com Philippine Velge.

Em entrevista no Festival de Cannes, Ozon comentou que quando leu o livro, na década de 1980, o que chamou a sua atenção foi a história de amor. Mas também ficou impressionado pois era uma história muito moderna para a época, uma vez que seria difícil assumir um relacionamento homossexual. Marcado pela música In Between Days, do grupo



Foto: Divulgação

Benjamin Voisin (E) e Félix Lefebvre (D) são os jovens apaixonados em ‘Verão de 85’

The Cure, o filme mostra o romance de verão entre dois jovens, em um momento de iniciação e de aprendizado.

Os dois atores vem se destacado no cinema francês. Félix Lefebvre, de 20 anos, faz seu primeiro protagonista, mas já atuou em *O Professor Substituto*, de Sébastien Marnier, longa que integrou o Varilux 2019, e *Une nuit, à travers champs*, de Guillaume Gréardon. Benjamin Voisin, de 23, tem chamado

atenção em outras três produções francesas recentes: *Un Vrai Bonhomme*, de Benjamin Parent, *La Vie de Simon*, de Leo Karmann e *La Comédie Humaine*, de Xavier Giannoli.

Em João Pessoa, ainda não foi divulgado qual rede de cinemas vai compor o Festival Varilux, visto que a reabertura ainda está sendo implantada devido à flexibilização colocada pela Prefeitura nesta semana.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Plumas e haicais

Sem natureza não se faz haicai. Sem os elementos da fauna e da flora não se faz haicai. Sem o silêncio das coisas, sem a operação sagrada que as modula nos mapas do tempo e nas danças do espaço, não se faz haicai. Não se faz haicai sem o olhar que consegue capturar o invisível no visível, sem a química do tato para tocar o mistério no miolo dos objetos e sem a capacidade de escuta que recupera a música escondida por trás do vento, da chuva, da noite, do sol e da lua, entre tantos fenômenos que podem originar o espetáculo da poesia.

Sim, mas também não se faz haicai sem a técnica precisa, o ritmo medido, a expressão sintética e aguda da mais exigente economia textual. Se o insight está, de saída, no flash encantatório da percepção, deve se manter, ademais, no justo equilíbrio da forma, seja a forma do padrão métrico clássico, seja a forma livre que muito bem se aclimatou ao haicai no Ocidente.

Faço estas breves reflexões para comentar *Plumagem do vento* (João Pessoa: Editora UFPB, 2019), de Paulo Sérgio Vieira, poeta da casa, que já nos deu títulos importantes, como *Cílios de Deus* (1995) e *Diálogo das horas* (2014), sobretudo se levo em consideração a proposta minimalista que parece prevalecer, em obstinado rigor, no seu processo de criação poética.

Tenho, aqui, sessenta haicais, distribuídos em quatro blocos temáticos, cujos motivos centrais, tirante o terceiro bloco, de teor metalinguístico, oscilam, em movimentos de ida e volta, em torno das ofertas naturais.

O vento, a chuva, o sol, o mar, as plantas, os frutos, os pássaros, o céu, o rio, a água e tantas outras motivações imprimem certo sabor ecológico no plano concreto da primeira leitura, sem deixar, contudo, de sinalizar, e agora, já na possibilidade da abstração poética, para a dimensão lírica e metafísica dos seus estratos materiais.

Para mim, haicai é surpresa e revelação. Epifania pura. Medula poética. Fisgada filosófica. Verdade e espanito. Disciplina e espontaneidade. Descoberta e sabedoria.

Ora, aqui e ali, no compasso da leitura, e na releitura mais atenta, mais entregue ao fluxo sensível da recepção, vou topando imagens e ritmos, ideias e conceitos, que me dão a certeza de que estou diante de um poeta que sabe dos sigilos da forma escolhida para exprimir seus sentimentos e emoções perante a natureza, principalmente a natureza captada em seus detalhes ocultos, imperceptíveis, mas eloquentes.

“Lua empoçada. / bocas de lobo uivando / alta madrugada” (P. 25). Eis um primeiro exemplo, dentro da técnica clássica, com dois versos de cinco sílabas e um de sete, e onde o elemento natural (lua) se mistura ao detalhe urbano (bocas de lobo), por sua vez, processadas metaforicamente pelo verbo no gerúndio, o que culmina na formulação de um olhar lírico e, ao mesmo tempo, irônico.

Observe-se esta outra mostra, em giro temático mais aberto, métrica livre, porém, na mesma perspectiva que funde ironia e lirismo: “o rio do amor / não está pra peixe / olhos rasos d’água” (P. 28).

Exato: ironia e lirismo convergem e definem o traço mais característico desses haicais reunidos em *Plumagem do vento*. O lirismo me parece responsável pelo toque estético a presidir a configuração da imagem; a ironia, a seu turno, como que propõe a tensão necessária que nos leva, leitores, a ver coisas novas no tecido da realidade.

Dito de outra forma, e para lembrar Paul Klee, o poema funciona, aqui e em outros momentos, como “olhar inaugural”. Olhar-relâmpago, tão bem demonstrado nestes dois haicais metapoéticos, na medida em que, com humor e inteligência, o modelo é definido: “pé de poemas. / cai, não cai, um haicai / preso a um fonema” (P. 58) e “poema maduro / e a inspiração se esvai. / cai, cai, haicai” (P. 59). Já, em outra clave temática, veja-se, na exigência da melhor tradição, este haicai, à página 31: “acender de luzes. / inquieta, a tarde voa / com as borboletas”.

Creio que Paulo Sérgio Vieira, desde suas primeiras obras poéticas, vem procurando a palavra mais concisa, o verso mais curto, o fazer menos para dizer mais. Daí essa opção pelo modelo oriental, cheio de sutilezas filosóficas e metafísicas. Vejo, claro, que ele não foge à tradição canônica, mesmo que, em certas circunstâncias, faça sua adesão a esquemas menos ortodoxos. Não há dúvida, contudo, que o poeta apreendeu os procedimentos discursivos e as táticas retóricas exercitados pelos inventores e mestres do gênero.

Matsuo Bashō, Kobayashi Issa, Masaoka Shiki, lá no Oriente, e, em território pátrio, Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida, Paulo Leminski, Eduardo Martins e Fransued do Vale, entre outros, ilustram o campo de suas experiências, aprendizado e leituras. Nesta linhagem, Paulo Sérgio Vieira segue seu caminho, com voz própria e persuasiva, fundindo plumas e haicais. É ler e conferir!

Botafogo, sob muita pressão, enfrenta hoje o Jacuipense

Na zona de rebaixamento, time paraibano precisa de uma vitória para melhorar sua posição no grupo A da Série C

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo tem, neste domingo, um jogo de 6 pontos na luta para fugir do rebaixamento. O Belo enfrenta o Jacuipense, às 18 horas, no Estádio Almeidão, em João Pessoa, precisando da vitória. O time paraibano é o penúltimo colocado do grupo A, na zona de rebaixamento, com apenas 11 pontos ganhos em 12 partidas. O adversário baiano é o sexto colocado com 16 pontos. A arbitragem da partida será de um trio paranaense. O árbitro central será Leonardo Ferreira Lima, o assistente 1 Heitor Alex Eurich e o assistente 2 Andrey Luiz de Freitas. A Partida é válida pela décima terceira rodada.

O técnico do Botafogo, Rogério Zimmermann, teve uma semana de dificuldade, com alguns atletas entregues ao departamento médico. Erivelton e Marcos Martins, que desfalcaram a equipe no jogo contra o Santa Cruz em Recife, foram liberados para treinar na última quinta-feira, mas ainda não se sabe se estão em boa forma física, já que passaram um bom tempo afastados das atividades físicas. Diego Rosa, que também desfalcou a equipe na rodada passada, ainda é dúvida, assim como Luís Gustavo e Igor Leite, estes dois últimos se contundiram durante a partida de domingo contra o Tricolor pernambucano. Outro desfalque certo é o volante Vitinho, que levou o terceiro cartão amarelo e vai cumprir suspensão automática.

Além dos possíveis desfalques, o treinador passou a

semana tentando resolver um problema ainda maior, que é a falta de pontaria do ataque. O time vem jogando bem, consegue envolver os adversários, mas não transforma as oportunidades criadas em gols. Foi assim na derrota para o Manaus, no Amazonas e também na partida contra o Santa Cruz. Com o fantasma do rebaixamento bem vivo, o time precisa urgente de gols e de vitórias, sobretudo nesse jogo, porque o Jacuipense, apesar de estar na sexta colocação, pode ser alcançado e ultrapassado pelo Belo nas próximas rodadas, se livrando assim da zona de rebaixamento.

Tudo indica que o Botafogo deverá entrar em campo no sistema 4-3-3, para cima do time baiano. Uma provável escalação do Botafogo é Felipe, Kellyton (Marcos Martins), Rodrigo, Donato (Luiz Gustavo) e Christiano, Mineiro (Wellington ou Everton heleno), Juninho e Rodrigo Andrade; Cristian, Ramon e Diego Rosas (David Batista).

O Jacuipense vem de uma derrota fora de casa para o Manaus, por 2 a 1. Para voltar a vencer, o técnico Jonilson Velloso terá a estreia do atacante Ruan Levine, que veio do Vitória e o retorno do volante Peixoto, que cumpriu suspensão e do lateral direito Lucas, que passou um longo período no departamento médico e foi liberado para os treinos esta semana. Tudo indica que o treinador não poderá comandar a equipe à beira do gramado, porque testou positivo para covid-19. Caso ainda não esteja recuperado, a equipe será dirigida pelo auxiliar Frubal.



Foto: Ascom/Botafogo

Muito treino durante a semana para acertar a pontaria, já que a equipe está criando e não conseguindo marcar os gols

+ Treze joga para se manter fora do Z2

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Depois da derrota para o Paysandu em casa, as chances de classificação do Treze são muito pequenas e agora o clube foca em fugir da zona de rebaixamento. A equipe tem 13 pontos na sétima colocação, uma apenas fora do Z2 e a apenas 2 pontos do Botafogo, penúltimo colocado. Por esse motivo, o jogo desse domingo contra o Ferroviário passou a ser decisivo para o Galo se manter fora da zona de risco. A partida está programada para às 15h30, no Estádio Domingão, em Horizonte, na grande Fortaleza. O trio de arbitragem para esse jogo é do Distrito Federal. O árbitro central é Rafael Martins Diniz, o árbitro assistente 1 Lucas Torquato Guerra e o assistente 2 Renato Gomes Tolentino.

A grande novidade do Galo para a partida contra o Ferroviário é a estreia do atacante artilheiro por onde passou, Neto Baiano. Ele chegou ao clube essa semana e está pronto para jogar. Nas mesmas condições estão o zagueiro Uesley ex-Campinense e o atacante Danilo Bala. O técnico Márcio Araújo também terá à disposição o volante Vinícius Barba, que cumpriu suspensão, e o zagueiro Alisson Cassiano, que foi liberado pelo departamento médico.

Para o Ferroviário, uma vitória contra o Treze passou a ser uma necessidade, já que o clube vem de uma derrota para o Vila Nova por 3 a 0 e em caso de outro tropeço pode sair do G4. No momento, o Tubarão da Barra é o quarto colocado, com 17 pontos. No jogo de ida, disputado em Campina Grande, o time do técnico Marcelo Vilar atropelou o Galo com uma vitória de 3 a 0.

Brasileirão

Flamengo x São Paulo é a grande atração da rodada

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

Flamengo e São Paulo jogam às 16h, no Maracanã, neste domingo, sendo o jogo mais importante na parte de cima da tabela. O Tricolor paulista tem três jogos a menos que o time carioca e curiosamente foi a equipe que não foi derrotada pelo campeão brasileiro no ano passado, já que houveram dois empates. De um lado um elenco forte que vai se impondo rodada após rodada e do outro um time que ainda não conseguiu ganhar a confiança de seu torcedor. A instabilidade do Tricolor vem gerando muitas críticas ao técnico Fernando Diniz e voltou a ser debatido após a derrota de 3 a 2 para o Lanús, no meio de semana, pela Copa Sul-Americana, mesmo o time atuando na Argentina. A equipe conseguiu a classificação às quartas de final da Copa do Brasil de forma dramá-



Foto: Divulgação

O goleiro Hugo vem sendo uma das grandes sensações do Flamengo tica ao eliminar o Fortaleza, nos pênaltis, em dois jogos em que sua defesa levou cinco gols e o ataque também fez cinco. E o técnico Fernando Diniz vive um grande dilema. É que na próxima quarta-feira tem decisão contra o Lanús, no Morumbi. Será que vai poupar jogadores? No lado rubro-negro não é diferente, pois

tem o jogo de volta contra o Athletico-PR pela Copa do Brasil. Os dois técnicos devem escalar times mistos devida a importância das outras duas competições e o Brasileirão está apenas na metade.

A rodada deste domingo ainda terá Sport x Athletico-PR, às 16 horas, Santos x Bahia, às 18h15, e Goiás x Vasco, às 20h30.

JOGOS DE HOJE

- **Série A**
16h
Flamengo x São Paulo
Sport x Athletico-PR
18h15
Santos x Bahia
20h30
Goiás x Vasco
- **Série B**
18h15
Juventude x Guarani
- **Série C**
15h30
Ferroviário x Treze
18h
Botafogo-PB x Jacuipense
Vila Nova x Remo
- **Série D**
15h
Coruipé x Jacyobá
Bangu x Nacional-PR
15h30
Toledo x FC Cascavel
16h
Independente-PA x Bragantino-PA
River-PI x Altos
ABC x Potiguar-RN
Freipaulistano x Itabaiana
Goianésia x Goiânia
Villa Nova-MG x Caldense
Palmas x Brasiliense
Novorizontino x São Caetano
17h
Baré x Santos-AP
19h
Salgueiro x Afogados



Economia Azul: O caminho sustentável para o desenvolvimento

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Um dos grandes desafios da humanidade é manter o crescimento econômico sem agredir a natureza. Para propor ações que busquem o equilíbrio entre desenvolvimento e a preservação ambiental, surgiu em 2012 o conceito de Economia Azul, um modelo que sugere mudanças estruturais na atividade econômica atual, com foco no respeito aos ecossistemas, soluções criativas de desenvolvimento sustentável e melhoria da saúde e condição de vida humana. E a preservação dos oceanos é uma das vertentes defendida por esse conceito.

O tema foi abordado durante o II Fórum Internacional de Meio Ambiente e Economia Azul, promovido na Bahia, que contou com estudiosos nacionais e internacionais. O evento, aberto para colaboração científica e tecnológica internacional entre Brasil, África, Europa e Estados Unidos da América, teve como

objetivo a preservação do meio ambiente e a promoção da Economia Azul no Oceano Atlântico e nas costas.

Paralelamente ao Fórum, foi realizado o encontro da Rede Nordeste de Sustentabilidade e Meio Ambiente. O objetivo da Rede é elaborar programas e projetos em escala regional para beneficiar os nove estados da região em relação à sustentabilidade socioambiental.

O assunto foi discutido na Rádio Tabajara e um dos representantes da Paraíba foi a Sudema. Segundo Victor Ventura, que integra o grupo, no encontro foram sistematizadas algumas propostas. “Estamos finalizando diagnósticos estaduais sobre quatro eixos principais de ação. Ao final, os diagnósticos de todos os Estados irão gerar, ao menos, quatro projetos, que vão ser apresentados ao Consórcio Nordeste para captação de recursos internacionais e formação de parcerias”.

Saiba Mais

O termo Economia Azul surgiu na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Natural, realizada em junho de 2012 no Rio de Janeiro, Rio+20, com o objetivo de discutir sobre a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável. O conceito foi criado pelo economista belga Günter Pauli, o fundador da Zeri - Zero Emission Research and Initiatives. Em seu livro “Blue Economy” (A Economia Azul, na tradução livre), Pauli reuniu 100 ideias inovadoras que não só beneficiam o meio ambiente, mas também satisfazem as necessidades básicas do ser humano.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Amelinha gravou Otacílio Batista

Escavacando coisas num quarto cheio de livros, fotos, jornais, papéis, etc., cá em Cruz das Armas, terminei refolheando a “Antologia ilustrada dos cantadores”, editada em 1982 pela Universidade Federal do Ceará.

Nela encontrei um genial martelo de Otacílio Batista, do qual transcrevo trechos a seguir.

■■■■■■■■■■

“Se houvesse uma lei que proibisse / cantadores ruins na profissão, / ficariam, cantando no sertão, / geniais repentistas sem tolice. / Se o direito dos homens me ouvisse, / para eles, eu diria esta verdade: / a poesia pertence à divindade; / é bandeira sublime tremulando; / botaria um projeto eliminando / cantadores de baixa qualidade.

“Se eu fosse o governo, acabaria / com diversos poetas ordinários, / que não passam de grandes mercenários, / maculando o valor da cantoria; / não entendem o que seja poesia, / não penetram no mundo de outros mundos... / Atrevidos do mundo dos imundos, / destruindo do belo as cousas nobres; / dá vergonha, meu Deus, a certos pobres, / poetas, nojentos, vagabundos.

“Comecei a cantar muito criança, / quando ainda existia sentimento; / não havia rancor nem fingimento; / era o mundo um poema de esperança! / O respeito era firme como a lança / de um herói que não foge das batalhas. / Nesse tempo a poesia era medalhas, / projetando o tapete d'alvorada; / hoje em dia, vem sendo comandada / por cabeças de ferro dos canalhas.

“Já não pode a ciência evoluir, / quando é desprezada pelo povo; / Se a História não traz algo de novo, / a tendência do mundo é regredir. / Se o atraso na terra persegue / os valores chamados altaneiros, / o direito de muitos brasileiros / queimar-se-á no fogo d'anarquia; / mesmo assim eu comparo a poesia / na cabeça de alguns aventureiros.

“Não há mente sadia que resista / à mensagem de certos imbecis. / Ninguém pode no mundo ser feliz, / sem trabalho, sem luta e sem conquista. / A cegueira vem sendo a negra pista / de uma raça que, nela, se perdeu; / se o exemplo do grande Galileu / é mensagem fiel dos instruídos: / ninguém deve zombar dos escolhidos / nem tomar o lugar que Deus lhes deu!

“Não existe maldade sem paixão; / não há honra no peito de um covarde, / nem criatura sadia / belas quadras saudosas da

ilusão / Não há forte, na Terra, sem razão, / nem há terra ruim que dê bons frutos; / não se pode dar chance a certos brutos, / nem aos porcos, jogar pérola tão nobre, / nem poeta que cante com esse pobre, / pra não dar-lhe uma surra em três minutos!

“Quando as ondas valentes do oceano / se unirem com os diques da Holanda, / quando o Papa disser que Deus não manda / no tesouro imortal do Vaticano; / quando o povo chamado lusitano / desprezar a Cabral, seu navegante, / ou se acaso chamar de ignorante / a Camões, sua alma predileta; / desse dia, o seu nome de poeta / brilhará mais que a estrela mais brilhante!”.

■■■■■■■■■■

Nascido na cidade pernambucana de São José do Egito, em 26 de setembro de 1923, Otacílio Batista morreu em João Pessoa em 2002.

A partir de 1946, tomou parte em diversos festivais e congressos de violeiros, tendo saído vencedor em vários deles. Em 1947, no Festival de Cantadores de Fortaleza enfrentou o lendário Cego Aderaldo, em duelo que ficou famoso. Escreveu diversos folhetos e com Francisco Linhares, a “Antologia ilustrada dos cantadores”.



Gravou quatro LPs. O primeiro em 1974, em parceria com o irmão Lourival, com quem gravou no mesmo ano, “Gigantes do improviso”. No ano seguinte, gravou com os irmãos Dimas e Lourival, o disco “Verso, viola, verso”. Em 1978, gravou o LP “Monstro sagrado do improviso”, em parceria com Pedro Galdino Bandeira. Em 1978, mantinha um programa diário na Rádio Tabajara, em João Pessoa.

Em 1982, a cantora Amelinha (foto) gravou o disco “Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor”, cuja canção-título, com versos e parte da música de Otacílio, com participação de Zé Ramalho, firmou-se como um dos maiores sucessos de venda da cantora no cenário nacional.



▶▶▶ Continuação

ONU define década da ciência oceânica

Objetivo é discutir políticas que valorizem os mares, reduzindo ações de degradação

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

As águas dos mares cobrem cerca de 70% do planeta, mas são várias as formas de agressão percebidas neste ambiente. A emissão de esgoto, lançamento de plástico, o turismo predatório são alguns exemplos de degradação que podem prejudicar significativamente a vida marinha.

Os atos de destruição preocupam especialistas e organismos ambientais de todo o mundo. A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu os próximos dez anos (de 2021 a 2030) como a década para a ciência oceânica e para o desenvolvimento sustentável. A ideia é valorizar o oceano na agenda internacional e nacional de diferentes países.

O geógrafo Jefferson Silva, membro da equipe da Comissão Estadual de Gerenciamento Costeiro da Paraíba, declara que a iniciativa da ONU é um ponto crucial para que possamos conhecer os oceanos mais profundamente. "Isso é muito importante para que possamos conservar e gerar informações que possam subsidiar as decisões integradas da zona costeira e marinha", frisou.

Para o geógrafo, são grandes os desafios para se preservar o meio ambiente, uma vez que a natureza sofre com a poluição marinha, a erosão costeira, a urbanização desordenada, entre outros problemas. "Há muito o que se fazer, e essa oportunidade de ter uma década exclusiva para o conhecimento dos oceanos é o ponto chave para que a gente possa dar uma guinada nos projetos de pesquisa para fazer uma gestão integrada da zona costeira e marinha".

Foto: Marcus Antonius



Dois terços do planeta são cobertos pelas águas dos mares, cujo uso sustentável é um dos pilares da chamada Economia Azul

+ Conhecimento é fundamental

De acordo com Victor Ventura, chefe da Procuradoria Jurídica da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), para cuidar melhor dos mares é preciso, antes de tudo, conhecer os problemas enfrentados para, depois, pensar soluções. "A partir do conhecimento das potencialidades e problemas, termos um diagnóstico correto para atuarmos de forma mais incisiva, otimizando os recursos", salientou.

O conhecimento mais preciso do ambiente marinho, segundo ele, se alcança com mais incentivo aos estudos na área das ciências marinhas, sobretudo, com maior financiamento de pesquisas por parte do poder público e a iniciativa privada. Ele ressalta que a Fundação de Amparo à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) já atua na concessão de bol-

sas de estudos e pesquisas nessa área.

"Mas, poderia ter editais voltados para as ciências do mar, de modo a estimular a construção desse diagnóstico. Seriam editais vocacionais, direcionados a determinadas linhas de pesquisa", sugeriu.

Concluída a análise dos fatores de degradação e potencialidades do oceano, viria a segunda parte: a ação. E uma das ideias do chefe da Procuradoria Jurídica da Sudema seria a criação de uma comissão intersecretarial para assuntos do mar na Paraíba. Se posta em prática, a iniciativa seria inovadora nos estados brasileiros e reuniria ações conjuntas de vários órgãos. "Você traria para esse grupo as Secretarias de Infra-



Foto: Divulgação

Ventura defende mais investimentos

estrutura e Meio Ambiente, de Educação, de Turismo e Desenvolvimento Econômico, da Fazenda, de Esporte e Lazer e Cultura, para que o Estado pudesse ter um plano de ação voltado para o mar".

Saiba
Mais



O Litoral da Paraíba tem uma extensão de 138 km e se estende desde o estuário do Rio Goiana (ao Sul), limitando-se com Pernambuco, até o estuário do Rio Guaju (Norte), limitando-se com o Rio Grande do Norte. Quando se fala de zona costeira, é importante saber que ela compreende o mar e a faixa de terra, composta pelos limites dos municípios litorâneos. O conceito de Economia Azul abrange tanto a faixa de terra quanto o mar, mostrando a importância de gerar políticas públicas para esse ambiente.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

As fábulas da mortalidade do ser humano

No dia dos mortos, leia o conto "Os Mortos", de James Joyce. Enredo: Gabriel Conroy é casado com Gretta. Após a festa de Ano Novo, organizada pelas tias de Gabriel, ele e Gretta vão para um hotel, já de manhã. Gretta permanece pensativa, praticamente ignorando seu marido, que acaba perguntando a ela qual o problema. Gretta diz estar pensando numa canção que ouvira durante a noite e confessa que aquela canção era cantada por um ex-namorado. Suspeitando que ela ainda está apaixonada, Gabriel insiste no assunto e Gretta revela que ele, na verdade, está morto. O conto se encerra com Gabriel ouvindo a neve "cair brandamente – como se lhes descesse a hora final – sobre todos os vivos e todos os mortos". É uma pequena obra-prima sobre a mortalidade do ser humano.

No dia dos mortos, não leia o conto "Quando eu morri", de um português chamado Anderson Cristiano da Costa. Apesar de ter meu nome de família, o gajo aparenta uma ligeira debilidade mental. Eis

todo o texto: "Quando eu morri, a primeira coisa que vi foi um sol vermelho como tomate. A primeira coisa que senti foi uma vontade de nunca mais comer coisa nenhuma". Danou-se! Você acabou lendo o conto do retardado. Ou será que somos nós que não alcançamos a profundidade da "narrativa"?

No dia dos finados, se puder leia os contos de Miguel Marvillá, do livro "Os mortos estão no living". Lançado no começo da década de 80, quando a ditadura militar no Brasil já começava a morrer, o livro trabalha com o tema do fim da vida e do ciclo, fim da ditadura, mas também a "morte" de relacionamentos afetivos, de pequenas esperanças, marcação de passagem a outros estágios nas vidas das pessoas. "A noiva passa, de carro, como para um enterro", é a frase inicial do primeiro conto, "Três histórias", que sintetiza com bastante precisão o espírito dessa obra.

Conto uma história do além, acontecida com um amigo internauta. Ele garante que é verdadeira. "No dia de finados, alguém

deixou um bilhete na minha caixa de correspondência. O envelope azul celeste continha propaganda do primeiro cemitério vertical da cidade. Para descontrair o cliente, vinha a piadinha espirituosa: 'É o único com qualidade de vida'. Para quem esperava um conto de horror, mil desculpas!

Ramón Gómez de la Serna disse: "Ninguém sabe o que é morrer, nem os mortos". E os epitáfios? Meu prazer é caminhar pelo campo santo lendo as inscrições nos túmulos. É o nosso último cartão de visitas.

Alexandre, o Grande anunciou sua megalomania: "Uma tumba agora é o bastante para quem o mundo não era suficiente". Molière parece que escreveu seu próprio epitáfio: "Aqui jaz o rei dos atores. Agora se faz de morto e na verdade, o faz muito bem". O do filósofo Diógenes é muito sarcástico: "Ao morrer joguem-me aos lobos, já estou acostumado".

Orson Welles, mesmo depois de passar desta para melhor, manteve sua genialidade. No seu túmulo está gravado: "Não é que eu tenha sido superior. Os

demais é que eram inferiores". Miguel de Unamuno, por sua vez, fez também sua última gracinha: "Só peço a Deus que tenha piedade da alma deste ateu". Na tumba do compositor Bach está escrita uma mensagem de duplo sentido: "Daqui não me ocorre nenhuma fuga".

Existem os epitáfios profissionais. Por exemplo, o de Benjamin Franklin, impressor, é muito criativo, diz o seguinte: "O meu corpo, como um velho livro, sem enfeites aqui jaz. Alimento para os vermes. Porém, acredito que aparecerei, em breve, numa nova edição, corrigida e melhorada pelo Autor". Na tumba de um apreciador do ócio: "Aqui Fray Diego repousa. Jamais fez outra coisa". Outros celebram a guerra conjugal. Em Guadalajara existe o verdadeiro epitáfio da viúva alegre: "A meu marido, falecido depois de um ano de matrimônio. Sua esposa com profundo agradecimento". Em contrapartida, em outro cemitério encontra-se a vingança de um esposo insatisfeito: "Aqui jaz minha mulher, fria como sempre".

Rivalidade entre irmãos: como lidar com as brigas



Até onde as disputas dentro de casa são normais e saudáveis? Veja o que comentam especialistas no assunto

Camila Tuchlinski
Agência Estado

Os irmãos Grimm, por ironia do destino ou não, escreveram seis contos sobre o relacionamento entre filhos: alguns abordam o tema da irmandade, outros sobre adoção, a chegada de um bebezinho na família e tantos outros. Nesta reportagem, vamos contar apenas a história real de Roberta Carvalho, hoje com 35 anos de idade, mas que teve uma infância de brincadeiras e brigas com os irmãos - e atire a primeira pedra quem nunca discutiu com um.

Recentemente, um meme de aniversário de uma menina de três anos gerou polêmica. Isso porque, na hora do parabéns, a irmã mais velha se apressou e apagou as velas no lugar da ani-

versariante, que não pôde conter a raiva e partiu para a agressão. Nas redes sociais, muita gente fez piada e até colocou em cheque a saúde mental da garotas. Afinal, esse tipo de comportamento é considerado 'saudável', 'normal' e deve ser problematizado? A reportagem do Estadão optou por não publicar o meme para preservar a identidade das crianças e viu uma oportunidade de esclarecer alguns pontos importantes quando o assunto é emoção.

Antes dessa reflexão sobre o que é 'normal', vamos à história de Roberta. Nos idos dos anos 1990, ela e os três irmãos viviam juntos em Campinas, interior paulista. Porém, ela convivia mais com um deles: o Roberto. Por causa da idade, brincavam, faziam as refeições juntos, frequentavam a mesma escola, di-

vidiam as festas de aniversário. Roberta conta que eram 'cúmplices' um do outro e, ao mesmo tempo, existia uma rivalidade: "Mais da parte dele porque, na minha visão, os adultos nos comparávamos muito e constantemente. Acredito que meu irmão, por ser mais novo, sofreu mais com isso do que eu. Eu por ser um pouco mais velha tinha mais compreensão e também, talvez por ser mulher e as construções sociais que vêm disso, tinha um sentimento mais materno em relação a ele".

Sobre essa necessidade de cuidar do irmão, Roberta lembra de um episódio curioso: "Eu me metia nas brigas do meu irmão na rua e tentava não deixar ninguém bater nele. Mas teve umas duas vezes que o tirei de brigas, não deixei baterem nele e depois

dei uns tapas e uns socos no meu irmão. Na minha cabeça, estava tentando ensinar a não se meter em brigas porque temia pela segurança dele. Eu argumentava que se alguém tivesse que bater nele seria eu, porque ia 'bater com cuidado'. Não me orgulho dessas atitudes e raciocínios, mas é a realidade".

Universal

A rivalidade entre irmãos não apenas pode ser considerada normal como também um fenômeno universal, na análise do psiquiatra Rodrigo de Almeida Ramos: "Vale lembrar o sentido simbólico da história de Caim e Abel. Dos 2 aos 6 anos, em geral, os irmãos são os principais componentes das relações sociais da criança e dessa convivência surge uma relação de ambivalência.

Por um lado, uma vivência de solidariedade com brincadeiras em conjunto e apoio emocional. Por outro, rivalidade com disputa, comparação e briga por espaço. O pano de fundo de toda essa rivalidade é a disputa pelo amor ou atenção dos pais".

Elisama Santos é psicanalista e escreveu dois livros sobre essas relações familiares: Educação Não Violenta e Por que Gritamos. Para ela, os adultos tentam neutralizar sentimentos de raiva e frustração dos filhos, o que só gera ainda mais disputa: "A gente tem que parar de achar que a relação entre irmãos só tem amor, onde só cabe carinho, respeito, porque isso é ilusão. Eles são humanos e, como toda relação humana, cabe uma gama muito maior de sentimentos. A criança sente raiva, tristeza, ódio, muitas coisas. É

importante a gente lembrar que, quando chega um irmão, a criança mais velha está perdendo muito da relação que tinha com os pais, então, ela vai ter que redescobrir um novo papel na vida que é o de não estar só".

A educadora parental explica que é preciso deixar que esses sentimentos ruins existam e, ao mesmo tempo, redirecionar os comportamentos agressivos. "Tem aquele comportamento inadequado, então, vamos falar sobre ele, dizer que a criança pode sentir raiva, tristeza. Algo como: 'Estou vendo que hoje você não está querendo conversar com seu irmão, está com ciúmes, você queria que hoje fosse o seu aniversário'. Eu vou conversar e acolher esse sentimento, mas isso não quer dizer que esse sentimento vai deixar de existir".

Quando os pais precisam ficar atentos

Bom, já sabemos que a rivalidade entre irmãos é normal, mas será que é 'saudável'? Em que momento os pais precisam ficar atentos aos comportamentos, por vezes, agressivos?

"Conflitos entre irmãos sempre existirão, mas quando a rivalidade se sobrepõe sobre a solidariedade é aceso o sinal de alerta. Isso se mostra quando a criança aparenta estar irritada com os irmãos e os pais, sobretudo a mãe. Além disso, a criança fica pouco participativa

nas atividades da casa, usa frase de menos valia como "ninguém gosta de mim nessa casa" ou ainda começa a deliberadamente quebrar objetos do universo do outro irmão", afirma o psiquiatra Rodrigo de Almeida Ramos.

E quando a gente fala dessa raiva, esse ódio entre irmãos, não paramos para pensar sobre o que está por trás das emoções. Elisama Santos, no raciocínio a seguir, levanta algumas verdades que podem ser incômodas para muitos

pais: "Não existe amar igual. Isso é uma ilusão que pai e mãe falam pra mentir pra si mesmo. A gente ama os filhos de formas diferentes e não existe um 'amorzômetro' pra afirmar que esse amor é maior que o outro. E vale para os pais entenderem que cada filho se sente amado de uma forma e observar: 'Será que estou demonstrando amor para meu filho? De que forma faço isso?'. Porque tem alguns filhos que gostam de ser beijados e abraçados e outros pre-

ferem as palavras".

Na infância de Roberta, os pais sempre tentavam separar as brigas entre os filhos: "Nos davam broncas e colocavam de castigo. Mas, como meu irmão era menino, a agressividade dele era mais 'naturalizada'. Ele era um 'menino muito arreiro, cheio de energia'. Algumas vezes, quando ocorriam brigas verbais mais leves, meu pai brincava dizendo que, se a gente brigasse, iria obrigar a gente beijar o rosto do outro".

DICAS VALIOSAS

1. O amor nunca será igual: "Em regra, temos um filho que é mais fácil de lidar porque não mexe com nosso ego. E temos aquele que solicita um pouco mais de atenção, energia, que exige que você 'respire fundo'. Se a gente não presta atenção, fica mais com aquele que é mais fácil de lidar e deixa o outro de lado. Então, é bom observar sempre: 'Estou lidando bem com eles? Estou conseguindo demonstrar amor?'. Vai ter um filho que vai exigir mais esforço pra me relacionar. Observar também como estou falando com eles, se estou falando diferente", diz a psicanalista.

2. Nunca atuar como 'juiz da briga' entre irmãos: "Cada vez que digo quem está certo e quem está errado, eu estabeleço papéis muito estáticos nessa relação. E esta não é minha função, mas estar ali respeitando os irmãos, restabelecer a capacidade de diálogo de ambos. Dizer coisas como: 'Se vocês estão nervosos, tenho certeza de que têm a capacidade de conversar e resolver isso'. É um bom caminho", avalia.

3. Acolha os sentimentos: "Deixar que os sentimentos que a gente acha que são ruins existam. Escute, permita que exista a tristeza, a raiva, o 'hoje não queria ter irmãos'. Escute por mais que doa. Você pode dizer: 'Puxa, filho, também senti isso com o meu irmão', 'As vezes, você só queria estar sozinho, né', 'Você queria ter o quarto só pra você, né'. Gente, isso não é concordar! Isso não é falar 'tá bom, vou mandar a sua irmã pra casa da sua avó porque ela é realmente muito chata'. Isso é deixar que o sentimento exista, é dizer para o filho 'eu te vejo'.

4. Nunca compare: "Isso porque as comparações são muito cruéis com os filhos. Fale com eles, sem mencionar o nome do outro. Então, nunca dizer: 'Sua irmã fez isso, fez aquilo, e você não', 'Está vendo como o quarto da sua irmã é arrumado?'. Não! Só diga: 'Filho, seu quarto está bagunçado e quanto tempo você quer pra arrumar?'. Olha como é diferente, né? Lidar com aquele filho e com a individualidade dele. A comparação mina a relação e pode culminar em brigas muito difíceis entre os irmãos", conclui Elisama Santos.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO CENTRO SPORTIVO PARAIBANO

O CENTRO SPORTIVO PARAIBANO, NESTE ATO REPRESENTADO PELA SUA PRESIDENTA RAYZA DE ARAUJO ALVES, VEM NOS TERMOS DO ARTIGO 8º § 1º COMBINADO COM O ARTIGO 9º § A, DO SEU ESTATUTO SOCIAL, CONVOCA TODOS OS MEMBROS DO CONSELHO FISCAL EFETIVO E SUPLENTE PARA REUNIREM-SE EM ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DE NATUREZA REGIMENTAL, A REALIZAR-SE NO DIA 01 DE DEZEMBRO DE 2020, NA SEDE DO CLUBE, LOCALIZADA NA RUA BELO HORIZONTE, 25 - GRÓTIQ, CEP 58079-798 - JOÃO PESSOA - PB, PARA ATUALIZAÇÃO, ALTERAÇÃO DO ESTATUTO SOCIAL E TRANSFORMAÇÃO DA CLUBE EM CLUBE EMPRESA, MOTIVOS: PANDEMIA, SEM COMO O NÃO COMPROMETIMENTO DO GOVERNO DO ESTADO EM CUMPRIR COM PROJETOS SOCIAIS, FICANDO O CLUBE SEM RECEITA, SEM COMO ALTERAÇÃO DE MODELO DE GESTÃO. A ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA TERÁ INÍCIO ÀS 10:00 HORAS DA MANHÃ, EM PRIMEIRA CONVOCAÇÃO COM MAIS DA METADE DOS MEMBROS ELEITORAIS, E ÀS 10:30 HORAS EM SEGUNDA CONVOCAÇÃO COM QUALQUER NÚMERO DE PRESENTES. COM ALTERAÇÕES DO ESTATUTO PREVISTAS PARA O DIA 01 DE JANEIRO DE 2021.

JOÃO PESSOA 30 DE OUTUBRO DE 2020.

RAYZA DE ARAUJO ALVES
PRESIDENTA

NAÇÕES RESIDENCE PRIVÉ

Ilmos. Srs.

Condomínios Nações Residence Privé.
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Prezados Senhores,

O Síndico do Condomínio Nações Residence Privé, no uso de suas atribuições, vem por meio deste convocar os SENHORES CONDOMÍNIOS, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária deste Condomínio localizado na BR 104, KM 119, Sítio Guabiraba, Lagoa Seca - PB, a realizar-se no próximo dia 04 de Novembro de 2020, às 19:00 horas, no Salão de Festas do Condomínio, em primeira convocação, com a presença de no mínimo 2/3 dos condôminos, ou às 19:30 horas em segunda convocação, no mesmo dia e local, com qualquer número de presentes, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

- a) Aprovação da venda de 03 lotes da Costa do Sol:
1ª proposta - Lote C-L04 - R\$ 20.000,00 na assinatura do contrato
10 parcelas de R\$ 6.000,00 - 10/11/2020 a 10/08/2021;
- 2ª proposta - Lote H-L04 - R\$ 80.000,00 à vista.
- 3ª proposta - Lote H-L16 - R\$ 40.000,00 na assinatura do contrato
06 parcelas de R\$ 5.000,00 - 10/11/2020 a 10/04/2021
04 parcelas de R\$ 2.500,00 - 10/05/2021 a 10/08/2021

a) Aprovação de acordos;

b) Aprovação do Projeto e orçamentos da Academia.

É lícito aos senhores condôminos se fazerem representar na Assembleia ora convocada por procuradores, munidos com procurações com poderes específicos. A ausência de qualquer condômino não o desobriga ou desvincula de cumprir todas as decisões que forem tratadas e deliberadas. Os condôminos em atraso nos pagamentos de suas taxas condominiais não poderão votar nas deliberações.

Recomendações:

- > Comparecer apenas 01 integrante por família;
- > Todos os participantes deverão estar utilizando máscara;
- > Se possível, designar procurações;
- > Manter distanciamento e portar álcool.

Lagoa Seca - PB, 16 de Outubro de 2020.

Atenciosamente,
Daliban Magalhães Ferreira
Síndico

2º OFÍCIO DE NOTAS E REGISTROS DE IMÓVEIS
COMARCA DE SANTA RITA - PB
Rua Siqueira Campos, n.º 53, Centro - CEP: 58.300-180 - Santa Rita/PB - CNPJ
09.308.818/0001-40

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO DE CONFRONTANTES

A Dra. Patrícia Mayer Pinheiro Lima Franca, na qualidade de Oficiala em Exercício do Serviço Notarial e Registral - 2º Ofício de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Santa Rita/PB, segundo as atribuições e comandos contidos nos artigos 941 e 942, do Código de Normas Extrajudicial da Corregedoria Geral do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba, vem, pelo presente, notificar o(a) proprietário(a) (ou ocupante) do imóvel que está localizado na rua Doutor Pedrosa, n.º 727, Centro, Santa Rita/PB, para, querendo, no prazo de 15 (quinze) dias, apresentar manifestação/impugnação ao pedido de retificação de área do imóvel correspondente ao imóvel que tem sua edificação e localização na rua Doutor Pedrosa, n.º 731, Centro, Santa Rita/PB, requerida em 30 de agosto de 2020 pela proprietária do imóvel Sângela Nelli dos Santos, através do Protocolo da Serventia n.º 2020-03869. Dr.ª Patrícia Mayer Pinheiro Lima Franca, Oficiala Tabelião Interventora em Exercício do Serviço Notarial e Registral - 2º Ofício de Notas e Registro de Imóveis da Comarca de Santa Rita/PB.

Impacto das energias “limpas” preocupa os pesquisadores

Modelo centralizado de produção é questionado por especialistas e organizações não governamentais

Márcia Dementshuk
Especial para A União

A região Nordeste brasileira tem grande potencial para a produção de energia de fontes renováveis, de acordo com documentos oficiais. Na Paraíba, assim como em outros estados nordestinos, o sol e os ventos são mais constantes do que em outras regiões, o que atrai para o território grandes empreendimentos do setor. As energias renováveis irradiam sustentabilidade, mas o modelo centralizado de produção vem sendo questionado por pesquisadores e organizações não governamentais.

A paisagem no Sertão paraibano estará diferente em pouco tempo quando os 632 aerogeradores estiverem todos erguidos - alguns deles, já operando, conferem a imponência da tecnologia sobre a paisagem do Semiárido. Ao invés da mata branca, galhos que brotam folhas ao primeiro sinal de umidade, extensões de placas fotovoltaicas estarão absorvendo o sol, mas não o CO2. É um paradoxo, desmatar para ter energia que não se transforme em gás carbônico ao ser usada. Assim fazem as energias cujas fontes são o petróleo, o gás natural, o carvão mineral e o urânio. Por outro lado, energias geradas pelos ventos, sol, biomassa, hidráulica, oceânica, de fato não contribuem para o efeito estufa, mas sim para a produção energética de baixo carbono; contudo, os impactos são locais, no meio ambiente, na fauna, nas comunidades, entre as pessoas.

De acordo com a pesquisadora doutora Ricélia Maria Marinho Sales, da Universidade Federal de Campina Grande, uma das coordenadoras do Grupo de Pesquisa em Sistemas de Indicadores em Sustentabilidade Urbana, Rural e Ambiental, não se discutia energias renováveis nos campi das universidades no interior; a não ser os procedimentos técnicos, na engenharia. O uso de energias renováveis passou a ser incentivado pelo Governo Federal a partir da implementação do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica, o Proinfa, de 2002, com o “objetivo de aumentar a participação da energia elétrica produzida por empreendimentos tendo como base fontes ‘limpas’ para a geração de energia”.

O conceito de “limpas” naquela época era apenas relacionado com a produção de carbono; hoje considera-se produção limpa aquela que mantém as condições não poluentes, ausentes de impactos, desde a etapa inicial de produção, o deslocamento, a instalação, o que não se aplica às energias renováveis, conforme os pesquisadores.

A partir do Proinfa, deu-se início no Brasil a uma atuação diferente para a comercialização da energia, incentivando a instalação de usinas eólicas. O desenvolvimento teve como base o Atlas Potencial Eólico Brasileiro, lançado em 2001. O primeiro aerogerador eólico na Paraíba começou a operar em 2007, em Mataraca, no Litoral.

Em âmbito de políticas públicas, o Governo da Paraíba instituiu a Política Estadual de Incentivo à Geração e Aproveitamento da Energia Solar e Eólica no Estado da Paraíba em 2016 (Lei Nº 10.720), para fomentar a instalação de empreendimentos.



Fotos: Mano de Carvalho / Divulgação

Na Paraíba, assim como nos demais estados nordestinos, o sol e os ventos são mais constantes do que em outras regiões, o que atrai para o território grandes empreendimentos de energia de fontes renováveis

+ Moradores relatam problemas

O potencial para a produção de energia de fontes renováveis na região Nordeste do Brasil supera até mesmo os países ibéricos em termos de irradiação solar média mensal, por exemplo. Os estados do Rio Grande do Norte e do Ceará receberam dezenas de parques com aerogeradores, não só no Litoral como também no interior.

Da inserção desses equipamentos próximos às comunidades de agricultores e de pescadores começou a surgir relatos de problemas que os moradores passaram a enfrentar. A pesquisadora Zoraide Souza Pessoa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenou uma pesquisa aplicada durante quatro anos e publicou recentemente os resultados registrando os impactos socioambientais das usinas eólicas na vida das comunidades.

“É construída a ideia de que esses empreendimentos podem provocar uma dinamização nas áreas onde são construídas: desenvolvimento econômico, maior rendimento, melhorias na qualidade de vida. São expectativas que não chegam a se concretizar”, revela Zoraide Pessoa em palestra durante a 72ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência realizada no início deste mês.

São muitas as queixas dos moradores com relação à problemas na audição, por causa do barulho constante dos aerogeradores operando; dor de cabeça, insônia, depressão,

aumento do uso controlado de remédio, aumento da solicitação de exames de alta resolução. Aumento do número de pessoas com doenças sexualmente transmissíveis, adolescentes grávidas, crianças que nascem com HIV - São os filhos dos ventos, diz Zoraide Pessoa.

A promessa de melhoria na renda fica por conta dos seis meses, no máximo, de trabalho pesado, mal remunerado e desqualificado, contratado pelas empresas durante a instalação. Findo o trabalho, volta-se para o desemprego. A essas alturas, a mulher, que contava com o apoio federal do Bolsa Família, perdeu o benefício porque a renda da família aumentou (temporariamente).

As pessoas não circulam mais livremente para visitar umas às outras, as distâncias aumentaram; nem os animais: perderam território, agora exclusivo do aerogerador, de onde ninguém pode se aproximar, por segurança.

“Não há oposição com relação à instalação dos empreendimentos - fala Zoraide Pessoa - mas que a chegada seja construída de forma participativa com as comunidades, respeitando os limites e alcances das comunidades. A comunidade deve participar da tomada de decisões com relação à temática; estar envolvida da discussão, no planejamento e na gestão democrática dos recursos energéticos, no emprego dos impostos arrecadados pelos municípios”.

Os estados do Rio Grande do Norte e do Ceará receberam dezenas de parques com aerogeradores, não só no Litoral como também no interior

Perigo de danos ambientais

Ricélia Sales apresentou pesquisas realizadas na Paraíba nas quais moradores de Junco do Seridó e de Santa Luzia, onde há aerogeradores operando há cerca de dois anos. “As pessoas não têm noção dos danos ambientais que os aerogeradores estão causando. As pessoas não sabem do que se trata, tem a ilusão de que um dia vão conectar um fio até à casa delas e elas terão energia de graça. No Rio Grande do Norte há relatos de famílias que vivem com portas e janelas fechadas por não suportarem o barulho.”

Da mesma forma, as queixas ecoam para Vanúbia Martins, agente da Comissão Pastoral da Terra em Campina Grande: “A energia renovável tem um potencial muito grande de produção, mas o modo como está sendo instalado está provocando danos sociais e ambientais. As empresas alugam, por meio de contratos com os gestores públicos, os poços de água para usar na construção; mas aqueles poços são para abastecer a comunidade e dependem das chuvas sazonais que na maioria das vezes são escassas”, argumenta Vanúbia. “Na maioria dos casos, os agricultores não têm as vias dos contratos de arrendamento das terras para uso da empresa de energia e, por falta de conhecimento, agora que estão sentindo os danos”. Os proprietários que tiveram terras arrendadas ganham entre R\$1.500,00 e R\$ 3 mil, dependendo da geração de energia no mês. “É um dinheiro necessário para eles”, admite Vanúbia, “mas com custos permanentes”.

O professor Gesinaldo Ataíde Cândido e a doutoranda Amanda Paula Aguiar

Barbosa fizeram uma avaliação da sustentabilidade energética usando indicadores ambientais, indicadores econômicos, sociais e políticos institucionais.

Foi feito um levantamento de dados de 2004 e de 2014 em vários municípios e chegaram a uma constatação. Em 2014, os municípios de Mataraca e Junco do Seridó já haviam recebido aerogeradores. Eles queriam saber se, ao receber esses empreendimentos houve um aumento da sustentabilidade ambiental, social, econômica nesses municípios, levando em consideração o bem-estar ecossistêmico e o bem-estar humano. Em 2004, Junco e Mataraca estavam em uma situação mediana. Em 2014, passaram para a situação de pobreza.

A questão entre os pesquisadores mudou: “Por que com a chegada de um empreendimento desses que gera tanta energia, dinheiro, não há melhoria do bem-estar humano?”

“Não há desaceleração da pressão desses investidores sobre a natureza. A lógica da economia está sempre em primeiro, norteador das decisões das empresas centralizadoras de produção”, alerta Ricélia Sales.

De acordo com estudo da Empresa de Pesquisa Energética (EPE/MME) “Potencial de Aproveitamento Energético”: “Todos os estados teriam condições de suprir seu consumo elétrico residencial de forma integral com o advento da energia fotovoltaica. (...) Considerando todo o país, o potencial é 2,3 vezes maior que o consumo” (Nota Técnica PR 04/18). Sem a necessidade de mudar a estrutura da edificação das casas.

USINAS EÓLICA (DADOS: ANEEL) NA PARAÍBA:

- 632 aerogeradores sendo:
- 45 em operação
- 539 em implantação
- 48 sem informação

Usinas Solar Fotovoltaica na Paraíba:

- 41 parques sendo:
- 4 em operação
- 1 em construção
- 7 com a construção não iniciada
- 29 em despacho de requerimento de outorga



Economia movida a suor e açoites na Paraíba escravista

Mão de obra negra fortaleceu culturas da cana-de-açúcar e do algodão, além da pecuária e extração de madeiras

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Os escravos tiveram importância fundamental em todas as áreas da economia paraibana que era protagonizada pelas culturas de cana de açúcar, do algodão e outras atividades como a pecuária e a extração de madeiras. Os escravizados, centenas de homens e mulheres, exerceram papel relevante no aspecto econômico e na produção de riquezas, mas acabaram pagando um alto preço com o sacrifício diário, sendo submetidos ao jugo pesado e perverso da escravidão, à base de suor e açoites. Um sofrimento difícil de descrever em palavras.

É indiscutível que a força de trabalho dos escravos fortaleceu o setor econômico, mas como tal eles sofreram muito para “render”

nas atividades, sendo surrados de forma corriqueira. “Homens e mulheres escravizados sofreram o castigo do açoite, das palmadas, do tronco, do corpo cortado a navalha”, elencou a historiadora Maria da Vitória Barbosa Lima, Pesquisadora Voluntária do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiras e Indígenas da Universidade Federal da Paraíba (Neabi/UFPB).

“Há diversos registros que relatam as mortes deles, homens e mulheres, crianças e jovens, que pereceram após os maus-tratos, mas não se sabe a real dimensão dessa realidade, pois o que chegou até os pesquisadores foram alguns vestígios. Chegou até nós o relato de Rozalina, escravizada cujo senhor era proprietário de fazendas em Sousa e Pombal. Ela afirma, em processo contra seu senhor, que [...] saindo da casa de seu senhor com destino

a esta cidade procurando os italianos que negociavam com escravos para a comprarem, foi voltada do caminho, amarrada em um banco e açoitada por seu senhor; que em seguida aos açoites cortou com uma navalha nas nadeegas, onde ainda hoje mostra os signaes, e botou-lhe mólho de vinagre, sal e pimenta, ficando em estado de não poder andar por muitos dias”, destacou a professora.

As mulheres escravizadas possuíam duas ou três jornadas de trabalho, segundo a estudiosa. Existiam aquelas que se dedicavam, exclusivamente, ao trabalho no campo e outras destinadas ao trabalho doméstico, mas quando este “encerrava”, iam terminar a jornada na lavoura. Aquelas que eram mães, cuidavam de suas crianças, quando lhes era permitido. Na cidade, às mulheres escravizadas foram

acrescidas várias atividades como de quitandeiras e amas de leite. “As mulheres com filhos tinham essa tarefa na casa de seus senhores e, no mundo urbano, elas muitas vezes eram alugadas a outros senhores. A violência dos senhores e senhoras contra suas escravizadas eram variadas: violência sexual, moral, psicológica, patrimonial”, afirmou Maria da Vitória, que também é professora adjunta de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI-SRN).

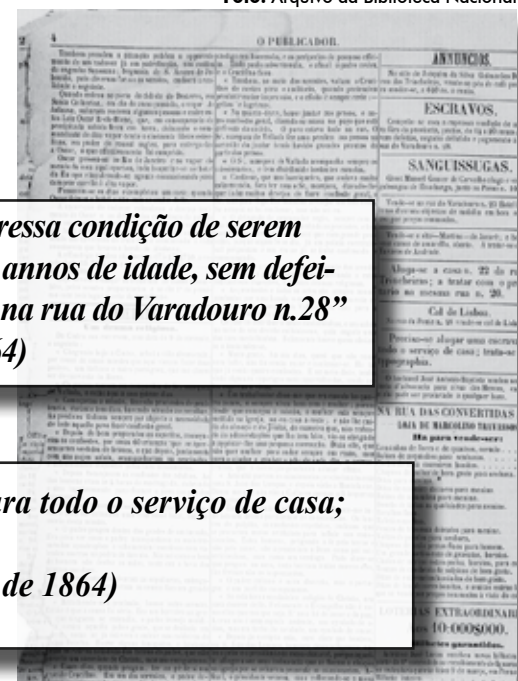
“Devemos ter em mente que os escravizados africanos deram sua contribuição não apenas à economia. Eles foram agentes culturais que representaram – e seus descendentes representam – a criatividade humana, através do samba, da capoeira, da religiosidade, entre tantas outras manifestações culturais”, ressaltou a historiadora.

Foto: Arquivo da Biblioteca Nacional



“ESCRAVO FUGIDO - (...) de nação Angolla, tem falta de dentes na frente, presume-se estar nesta cidade, ou no Cabedello; quem o pegar, leve-o ao Varadouro, casa de Fenando Antonio de Menezes, que gratificará o seu trabalho” (Jornal A Ordem, 3 de dezembro de 1849)

Foto: Arquivo da Biblioteca Nacional



“ESCRAVOS - Comprarão-se com a expressa condição de serem para fóra da provincia, pretos, de 14 a 20 annos de idade, sem defeitos, negocio decidido e paramento á vista na rua do Varadouro n.28” (Jornal O Publicador, 1º de março de 1864)

“Precisa-se alugar uma escrava para todo o serviço de casa; trata-se nesta typographia” (Jornal O Publicador, 1º de março de 1864)

VOCÊ SABIA?

■ **Pelourinho em João Pessoa** – Havia um Pelourinho no Centro de João Pessoa, segundo a pesquisadora Vitória Lima. “Acreditamos que o Pelourinho na Cidade da Paraíba - João Pessoa - tenha existido na atual Praça Rio Branco, funcionando entre os séculos 16 e 17. Lá ocorria não somente a punição dos escravizados no tronco, como também a venda deles em Hasta Pública”, afirmou. A pesquisadora não soube informar se foi colocada uma placa no local para alertar os turistas e transeuntes sobre a existência do pelourinho.

■ **Direito a patrimônio** – Somente com a Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, foi permitido aos escravizados a formação de algum patrimônio.

“Objetos” de venda, leilão e aluguel

Os escravos eram separados de suas famílias por meio da venda de familiares e também quando ocorria casamento, ou a morte de seus senhores. Os inventários revelam que escravizados eram doados como dotes às filhas que contrairiam casamento e, muitas vezes, havia a separação da mãe de seus filhos ou filhas, de acordo com a historiadora Vitória Lima. O mesmo acontecia quando faleciam seus senhores, no momento da partilha dos bens entre os herdeiros. Com a Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, passou a ser proibida a separação dos cônjuges e de crianças menores de 12 anos dos seus pais e mães. No entanto, antes de isso acontecesse, os escravos passaram por verdadeiras provações e pouco se fala sobre isso.

“Acreditamos que não superamos a nossa experiência escravista. A escravidão de africanos deixou muitas marcas em nossa memória e sua herança é visível ainda hoje em uma situação na qual não somente se manifestam profundas desigualdades, mas o fazem, em larga medida, segundo linhas raciais. Assim, as ausências de falas, os encobrimentos, os silenciamentos revelam os mitos da democracia racial brasileira, da relação entre negros e não-negros e episódios graves de violações dos direitos da população negra”, analisou.

Os escravizados, segundo ela, eram bens, patrimônio e, por isso, podiam ser vendidos, doados, leiloados, alugados, herdados, hipotecados. Há nos livros

de notas cartoriais e jornais do século 19 muitos anúncios de venda, compra, aluguel de escravizados. Escravizados fugitivos que eram capturados e, não identificados seus senhores, eram vendidos em hasta pública também. Quando um deles fugia, eram publicados anúncios nos jornais. Os escravos eram anunciados nos periódicos locais como “coisas”, ou ferramentas de trabalho que giravam a economia da época.

“A fuga foi a forma mais frequente de os escravizados buscarem a liberdade social, pois era difícil a liberdade jurídica. Esse recurso foi utilizado tanto pelos cativos de particulares quanto pelos pertencentes à nação, embora estes, em número bem menor. Eles não fugiam apenas dos maus tratos, dos ‘castigos imoderados’, mas também da figura do senhor e da escravidão e não se intimidaram com as dificuldades iniciais de sobrevivência, que, por certo, enfrentaram”, explicou a historiadora.

E essas fugas eram anunciadas, muitas vezes em jornais paraibanos, a exemplo do que o Liberal Parahybano, de 1879, anunciou. “Fugiu no dia 3 de fevereiro do corrente anno o escravo Domingos, cabra, idade de 22 annos, tendo os seguintes signaes [...] sendo que dito escravo toca viola e canta em sambas, e da-se ao negócio de trocas de cavallo: supoe-se estar como livre em algum Engenho do Sul, ou então em partes de Guarabira, Araruna, Cuité, ou Tacima almocreveno [...] S. Sebastião da Cidade de Campina 26 de julho de 1879. Padre Santino Maciel d’Athayde”.

Mica Guimarães

Mestre das letras e crônicas na Rainha da Borborema

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Crítico, ético, inteligente, bem humorado, leal, exigente, rude, sorridente e com ótima memória. Assim era o jornalista e articulista Atalmir Araújo Guimarães, mais conhecido como Mica Guimarães. Mestre das letras e crônicas, trabalhou em jornais e foi professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Também enveredou pelo mundo esportivo, narrando partidas de futebol em Campina Grande, sua cidade natal. Foi ele, inclusive, quem batizou o "Clássico dos Maiores". Morreu no dia 14 de fevereiro de 2016, em consequência de um acidente vascular cerebral (AVC), após sofrer uma queda em casa. As gargalhadas que eram sua marca deram lugar ao silêncio.

"Fizemos um programa de rádio, o 'Mesa de Bar', durante oito anos. Foi na Rádio Cariri, desde 2008 até quando ele faleceu. Eramos eu, ele, Joacir de Oliveira e Zeca Boca de Bacia. Mica era inteligente, perspicaz, extrovertido. Ele era um boêmio intelectual, uma pessoa com muita vontade de viver, amante de Elvis Presley, fã incondicional, andava sempre com uma jaqueta", lembrou o radialista Gustavo Claro Ribeiro. Gostava tanto de Elvis que batizou um dos filhos com o nome do cantor.

Assim como Gustavo, o escritor Braulio Tavares também conheceu de perto os talentos de Mica e destacou que sua principal característica era a inteligência. "Era um intelectual, mas acho que ele não gostaria de ser chamado assim, porque satirizava muito os intelectuais, como os verdadeiros intelectuais fazem. Escritor, jornalista, professor, boêmio. Um 'caba bom'", comentou. Mica, conforme lembrou o escritor; falava alto, de maneira muito veemente, persuasiva. "Era engraçado, irreverente, mas tinha raciocínios coerentes, informações sempre muito bem fundamentadas. Ele se daria bem em qualquer atividade que envolvesse a palavra falada", observou.

Braulio e Mica eram da mesma geração, e conviveram muito até 1982, quando o escritor foi morar no Rio de Janeiro. "Depois disso, foram apenas encontros isolados, de vez em quando, quando eu ia a Campina e eventualmente nos encontrávamos para beber e conversar. Mica Guimarães era sorridente, meio rude, piadista, boquirrotto, gostava tanto de dar risadas quanto de discutir. Um amigo leal e exigente. Como profissional, apesar da inteligência, às vezes era muito disperso. Mas, é algo que eu entendo, porque também sou assim. Era muito competente, mas imprevisível, porque tinha um espírito rebelde por natureza", resumiu.

Ele não soube dizer por quais veículos Mica passou, já que mora há muito tempo fora de Campina Grande. Porém, afirmou que quando foi colunista do Jornal da Paraíba, o jornalista também escrevia lá com frequência. "Acho que muitos colunistas de jornal

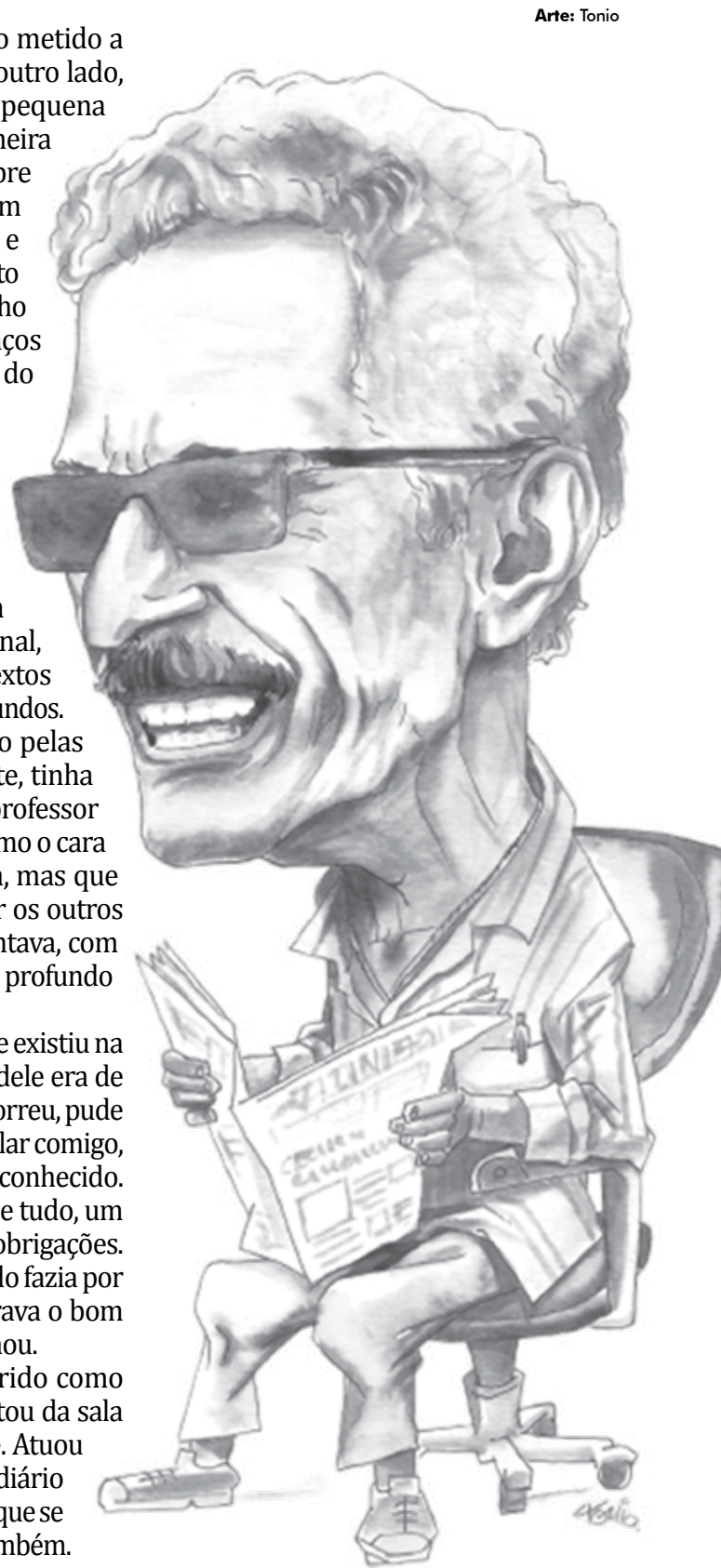
derivam para dois extremos. De um lado, o beletismo metido a sério, cheio de palavras pomposas e ideias vazias. Do outro lado, a frivolidade, as crônicas só com gracinhas para uma pequena turma, e ideias igualmente vazias. Mica escrevia de maneira alegre, brincalhona, com piadas, trocadilhos, mas sempre que entrava na discussão de uma ideia concreta era com elementos sólidos – ele lia muito, tinha ótima memória – e bem argumentados", relatou. "Sempre me identifiquei muito com a 'voz escrita' dele, mas a maior lembrança que tenho é da gargalhada, o vozeirão, a gesticulação com os braços enormes, a crônica ácida, a lembrança puxada do fundo do baú, a frase irretocável, o abraço acolhedor", completou.

Insuperável

Aos 36 anos de idade, o filho mais velho de Mica, Elvis Guimarães, herdou do pai o gosto pelas palavras – está fazendo doutorado em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mas para ele Mica é insuperável. "Como profissional, era especialista em crônicas, escrevia textos muito bonitos sobre a vida, filosóficos, profundos. Foi um radialista muito bom, conhecido pelas tiradas rápidas, piadas. Muito inteligente, tinha muita leitura. Onde ele foi, tanto como professor quanto como radialista, era conhecido como o cara despojado, levando tudo na brincadeira, mas que também tinha uma bagagem para deixar os outros no chão com os argumentos que apresentava, com leituras, citações. Era muito crítico e muito profundo no que fazia", declarou.

Para Elvis Guimarães, seu pai foi a melhor pessoa que existiu na face da Terra, a mais divertida e engraçada. "A essência dele era de alguém que todo mundo queria ficar perto. Quando ele morreu, pude comprovar isso pela quantidade de amigos que vinham falar comigo, dizendo que ele havia sido a melhor pessoa que haviam conhecido. Ele era muito legal, muito gente boa. Meu pai foi, antes de tudo, um boêmio, tinha uma vida livre, desgarrada de padrões, de obrigações. Uma vida interessante. Era muito dedicado aos filhos, tudo fazia por nós, tinha o maior gosto de cuidar da casa. Nada superava o bom humor e o amor que tinha pela vida e pela família", afirmou.

No rádio, Mica foi apresentador e era muito querido como professor. Porém, nos últimos dez anos de vida, se afastou da sala de aula e foi trabalhar na prefeitura de Campina Grande. Atuou ainda na Rádio Borborema por muitos anos, à frente do diário 'Grande Matutino Borborema'. "Me parecia que gostava porque se dedicou bem, apesar de dar aula com muito entusiasmo também. Foi um grande professor e um grande radialista", elogiou.



Arte: Tonio

Admiração e várias homenagens

Mica fundou o jornal 'A Palavra' junto com Marcos Marinho. Era um semanário que circulou aqui por um bom tempo e onde, inclusive, o jornalista conheceu o humorista Shaolin que, na época, era cartunista do jornal, com vinte e poucos anos. "Shaolin gaiato, painho também, se apegaram. Com seus olhos puxadinhos, painho olhou e disse: parece aqueles descendentes de Shaolin, aqueles caras do Oriente", contou. A partir daí, Shaolin, cujo nome era Francisco Jozenilton Veloso, adotou o apelido como nome artístico. Shaolin morreu em 14 de janeiro de 2016, exatamente um mês antes da morte de Mica.

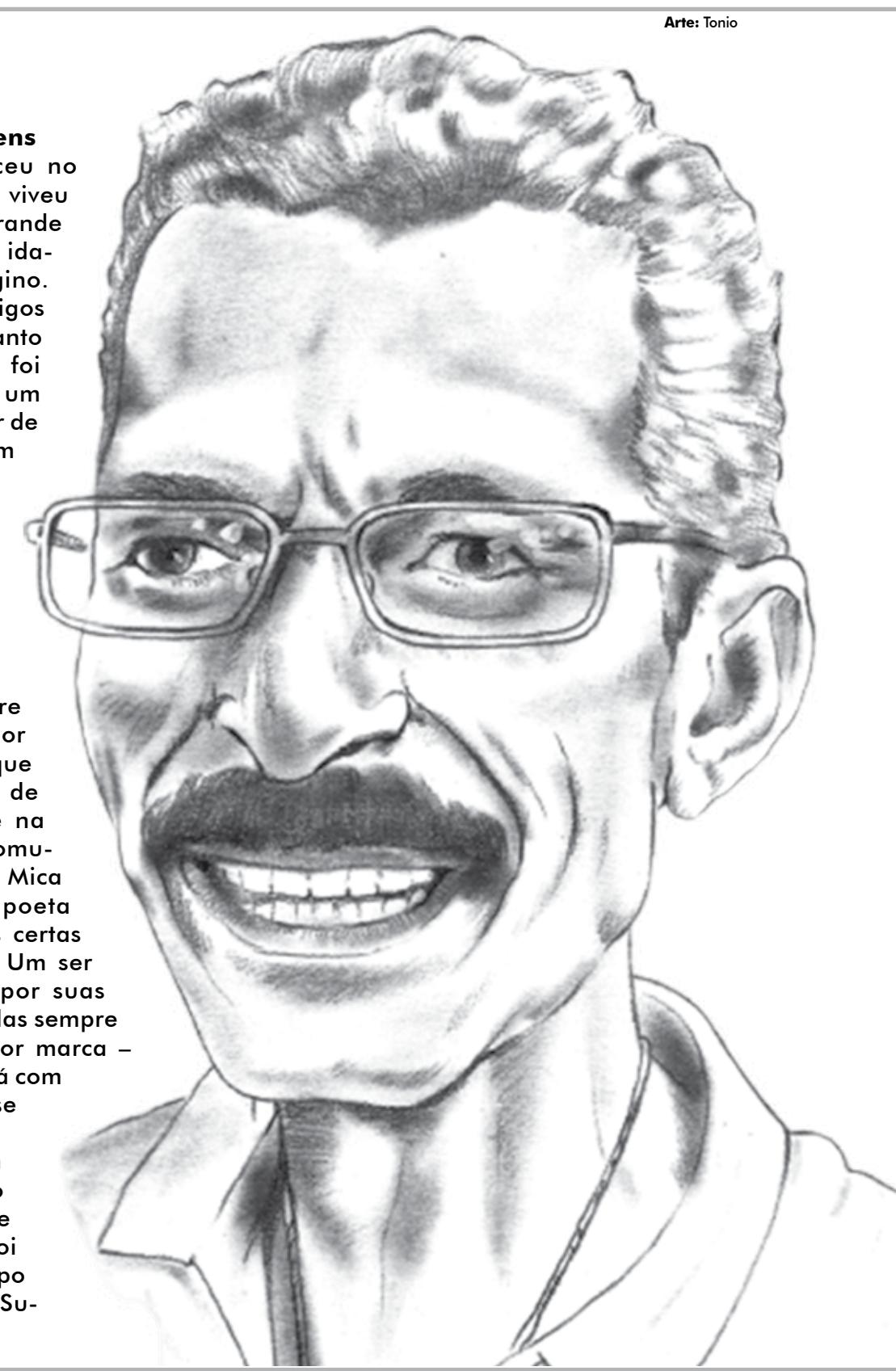
Sobre premiações, Elvis relatou que cerca de dois anos antes de sua morte, Mica recebeu uma homenagem da Câmara Municipal de Campina Grande, um reconhecimento pelo seu trabalho, mas não compareceu. "Ele não tinha muita vaidade e no final desapegou de tudo. Dizia que queria estar com Jesus". Além de Elvis, Mica teve uma filha, Livia, de 31 anos.

"As melhores lembranças que tenho dele são dos momentos caseiros. Quando ele estava no quarto vendo televisão, eu ficava junto. Lembro dele indo me buscar na escola, fazendo as coisas simples da vida. Comprou um violão para mim, um contraixo, um trompete. Não mimava, mas dava o que a gente queria, principalmente, quando envolvia música. Do jeito dele, mesmo com todos os defeitos, era muito devoto aos filhos. Era uma pessoa polêmica, meio indomável, não aceitava críticas. Sua principal característica era a alegria. Por onde passava, fazia todo mundo rir, mas por conta do alcoolismo, às vezes, vivia momentos de depressão", completou.

Incentivador dos jovens

Mica Guimarães nasceu no dia 20 de fevereiro de 1955, viveu a vida inteira em Campina Grande e lá faleceu, aos 60 anos de idade, no Hospital Antônio Targino. À época da morte, vários amigos fizeram questão de dizer o quanto Mica era querido. "Mica não foi apenas mais um jornalista ou um professor, mas um incentivador de milhares de jovens que assim como eu, procurávamos um caminho para seguir na vida e na comunicação", publicou o jornalista Rogério Freire em seu blog.

"Ele foi mestre e muito amado por todos os alunos que tiveram o prazer de estudar com ele na Faculdade de Comunicação da UEPB. Mica era inteligente, poeta irreverente, amigo das horas certas e mestre das horas incertas. Um ser humano incrível, admirado por suas atitudes verdadeiras transferidas sempre com 'bom humor' – sua maior marca – para seus textos impecáveis. Vá com Deus, meu querido, descanse em paz na certeza de que vamos nos encontrar em algum lugar do Universo. Um beijo no seu coração", dizia o texto de Freire. O corpo do jornalista foi enterrado no Cemitério Campo Santo Parque da Paz, na Alça Sudoeste, em Campina Grande.



Arte: Tonio

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Eu, o voyeur e Gay Talese

Gay Talese é um jornalista norte-americano famoso por seus livros e reportagens. Com narrativas típicas do gênero "new journalism" (Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário), seduz leitores há dezenas de anos. Há poucos dias, assisti ao documentário Voyeur, uma produção da Netflix, que explora a relação entre Talese e Gerald Foos, o homem que comprou um motel e o adaptou apenas para observar secretamente os hóspedes e suas peripécias sexuais.

No filme, dirigido por Josh Koury e Myles Kane, o jornalista conta que recebeu uma carta de Gerald Foos ainda nos anos 1980, na qual o dono do motel revelava porque decidiu comprar o estabelecimento. Mais: até convidou Talese a conhecer o lugar e a espiar a vida sexual dos hóspedes. Algo prontamente feito pelo jornalista que, à época, estava promovendo o livro recém-lançado "A Mulher do Próximo", que tratava dos hábitos sexuais nos Estados Unidos.

A pitoresca história de Gerald Foos é narrada por Talese no livro "O Voyeur", mas antes havia sido conta-

da por ele na revista The New Yorker. Até chegar a esse ponto, no entanto, a dupla percorreu milhares de dias. Na verdade, a relação jornalista-fonte foi alimentada por Gay Talese por mais de 25 anos. De 1980, quando recebeu uma carta anônima do proprietário do motel, até 2016 quando foi lançado o livro "O Voyeur".

Sobre isso, inclusive, Talese comenta que a maioria dos jornalistas se esquece das fontes após as matérias. Ele, não. Preserva o hábito de manter contato com as fontes no entendimento de que uma história não acaba após ser publicada. Talvez também por isso Talese seja extremamente rigoroso com suas anotações.

No documentário, é possível identificar uma verdadeira "cartografia das reportagens", com antigos registros, anotações diversas, observações, fatos e imagens. Com todas as reportagens guardadas. Tudo organizado e catalogado. Um breve mergulho em uma de suas caixas reenderia dissertações e mais dissertações, teses e mais teses sobre o método do jornalista.

Ao longo da relação com Gerald



Foto: Divulgação

Foss, Talese chegou a ver uma cena de sexo oral do mesmo ponto de observação do voyeur. Também ficou sabendo que Foss havia tido a oportunidade de evitar um assassinato no motel, mas não o fez. E Talese tampouco informou à polícia sobre esse fato. Essa e outras histórias abrem discussões sobre ética e os limites do jornalismo. Além disso,

o próprio Talese, em algum momento, também se admite um voyeur: investigando vidas alheias, querendo saber mais e mais sobre cada história e personagens.

Eu também queria saber mais sobre Talese, seus personagens e suas histórias. Eu o vi de perto por duas ocasiões. Acreditem. Durante uma edição da Festa Literária de Paraty (Flip), participei de uma entrevista coletiva em que o grande nome do "new journalism" estava presente. Após a sessão, foi uma correria: com todos os jornalistas e fotógrafos querendo falar com ele, tirar fotos. No melhor estilo tiete, também tentei, mas a foto (um registro de longe) não prestou.

Pouco depois, enquanto caminhava pelas ruas de Paraty com a jornalista e amiga Giselle Ponceano, fomos abordadas por um casal de idosos — estrangeiros e muito elegantes. Era Talese e sua mulher. Queriam uma informação para chegar a algum lugar da cidade. Gastamos todo o nosso inglês para dar a informação correta, e ele agradeceu muito educadamente. Alguns segundos após o casal sair, eu e Giselle olhamos uma para a outra e percebemos que o momento preciso é sempre fugaz: havíamos perdido a grande chance de tirar uma foto com Gay Talese!

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Adelino Moreira, o maior compositor do mundo (Parte 4)

São vários os filósofos que sustentam este postulado como é o caso do filósofo francês, que formulou a doutrina do positivismo. Ele é considerado o primeiro filósofo da ciência no sentido moderno do termo. Comte (1798-1857) sintetizou a relação homem-realidade com o conceito segundo o qual o homem é produto do meio. E definir a extraordinária obra de Adelino Moreira seria como mergulhar num coquetel de paixões, amores e saudade... Adelino era, magnificamente, versátil e abordava nos temas de suas canções quase todos os idiomas musicais. Criou um conjunto de obras variadas, impregnadas de filosofia esperta da malandragem e de visão trágica das paixões obsessivas e dos amores não correspondidos.

A obra de Adelino Moreira se torna universal em razão de que, na filosofia de Tolstói 1828-1910 (foi um escritor russo amplamente reconhecido como o maior de todos os tempos), para que alguém se torne universal seja na música, arte, poesia deve descrever o seu bairro. "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia". A propósito, desejo fazer deste pequeno artigo uma homenagem a um cronista e um poeta que ambos são universais, o cronista que me refiro é Dr. Carlos pereira, pessoa a quem não conheço, mas que tem publicado crônicas maravilhosas, referindo-se ao histórico bairro de Jaguaribe e o poeta Políbio Alves, que produziu uma obra poética sobre o seu querido e tombado bairro do varadouro, obra que é reconhecida além fronteiras.

Adelino Moreira faz um belíssimo sam-

ba-canção denominado "Meu bairro". "Meu bairro, Meu Campo Grande distante, No meu subúrbio galante, Berço das canções de amor, Meu bairro, Da igreja do Desterro, Que dá perdão para o meu erro, Erro de ser um sanhador". Nelson Gonçalves gravou esta canção em 12 de janeiro de 1962.

Em seguida, ele compôs a "Flor do meu bairro". A flor do meu bairro, Tinha o lirismo da lua, Morava na minha rua, Num chalé fronteiriço ao meu". Nelson Gonçalves a gravou em 12 de janeiro de 1963. Porém, a obra de Adelino Moreira não fica circunscrita apenas aos bairros, ele compõe um dos mais belos tangos que se iguala aos famosos tangos argentinos "Piedosa mentira". "Eu suspiro por ti, Como crente suspira, Pela palavra sagrada, Eu anseio por ti, Como o preso que anseia, A liberdade sonhada, Sou doente sem cura, Que a medicina ilude, Mas a verdade transpira". Adelino Moreira também se tornou um crítico da bossa nova contra a qual faz duríssimas críticas para a qual compôs o belíssimo samba-canção "Seresita moderna". "Seresita moderna não tem poesia, Não tem noite de lua, Não tem luar, Não tem cavquinho, Não tem violão, E nem mesmo um pandeiro, Para o samba ritmar, Seresta moderna, Agora é Hi-Fi, Num canto de sala, Num apartamento, Vitrola tocando, Bebida rolando, Gritinhos nervosos, A todo momento, Um gaiato cantando sem voz, Um samba sem graça, Desafinado que só vendo, E as meninas de copo na mão, Fingindo entender, Mas na verdade, nada entendendo, Pela madrugada, Tudo está em paz".

A versatilidade de Adelino Moreira para compor é tamanha que enveredou para a música caipira e compôs um dos mais belos do gênero: "Sinfonia da mata". Tenho a viola, que retiro da parede, Quando é notinha, para pontear, Tenho a gaiola me canário e uma rede, Sempre esticadinha pra me bem sonhar, Quando a lua vem surgindo cor de prata, E ilumina o meu pedaço de torrão, O meu ranchinho aqui no seio da mata, Não precisa nem que acenda o lampião, Sinfonia do riacho e da cascata, Minha viola completa a orquestração".

O cantor pernambucano Orlando Dias fez um grande sucesso com um samba-canção de Adelino Moreira e Celso de Castro com "Calendário". Esta mesma composição foi gravada por Nelson Gonçalves em 1968. O tema abordado é o mesmo que tornou Adelino Moreira famoso, onde ele fala das desluzes amorosas e as paixões exacerbadas. Adelino teve suas composições gravadas por inúmeros grandes cantores da música popular brasileira.

No apagar das luzes da sua brilhante carreira, Adelino Moreira ainda emplacou um dos grandes sucessos na década de 70, o samba-canção "Boêmio demodê". "Vou fazer uma seresta, Moderninha como quê, Misturar os tratamentos, juntar o tu com você, Eu não quero que me chamem, Um boêmio demodê. Com acordes dissonantes, Sem marquise e sem calçada, Sem culto de mulher amada, Na penumbra do balcão, Seresta ultra moderna, Sem viola e violão". Na voz do cantor de Nova Friburgo, Paulo Vinicius explodiu no cenário nacional com esta canção, que chegou a ser a mais executada nas rádios brasileiras.

Ele também gravou dois LPS que alcançaram um grande sucesso de execução e vendagem. É de se ressaltar que todas as canções contidas nestes LPS são de autoria de Adelino Moreira, caso raríssimo de um disco constar músicas de uma só autoria. Paulo Vinicius teve presença marcante em vários programas de rádio e televisão nas décadas de 70/80 e nos pal-

cos do Brasil afora. Adelino Moreira, na sua obra, além de reunir grande quantidade de composições, teve canções que são verdadeiros clássicos, notadamente, o samba-canção do qual era um autêntico mestre na arte de compor. No início de sua carreira não tinha um estilo próprio, chegando a compor os fados "Olhos d'Alma" e "Manita", o samba "Mulato ariteiro" e a marcha "Nem cachopa nem comida". Gravou alguns discos aqui no Brasil, na Continental, em 1945 e 1946, e também em Portugal, em 1947, na gravadora Pharlophon.

A carreira de Adelino Moreira como cantor durou pouco tempo. Após uma viagem a Portugal, onde se apresentou em teatros e emissoras de rádio, decidiu que queria seguir carreira na música somente como compositor. No início da década de 1950, compôs várias músicas em parceria com a dupla Zé e Zilda. Fez sucesso no Carnaval com as marchas "Parafuso", "Jura" e "Quebra mar".

Em 1952, a carreira de Adelino Moreira tomou um novo rumo. Foi quando conheceu o cantor Nelson Gonçalves, com quem formou uma das maiores parcerias da música brasileira. O talento de Adelino Moreira não ficou restrito a parceria com Nelson Gonçalves. Vários artistas gravaram suas músicas. Entre eles: Carlos Augusto, Carlos Nobre, Carlos Gonzaga, Cauby Peixoto, Ângela Maria, Núbia Lafayette, Orlando Dias, Linda Rodrigues, Roberto Vidal e muitos outros que serão objeto de futuros artigos deste cronista.

Adelino Moreira escrevia música para o povo – como bem dizia. Nos últimos anos de vida revelou sentir-se orgulhoso por nunca mudar seu estilo. "A gente tendo um tema, organiza os versos e entrega ao cantor. Se o povo entender, o disco faz sucesso. É preciso contar nestes LPS são de autoria de Adelino Moreira, caso raríssimo de um disco constar músicas de uma só autoria. Paulo Vinicius teve presença marcante em vários programas de rádio e televisão nas décadas de 70/80 e nos pal-

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Os insumos de uma comida

Uma das coisas que mais sou perguntado é sobre os produtos para se preparar uma boa comida. E sempre é a mesma, ou seja, se os produtos de primeira são os melhores. Claro que sim, todo resultado para se preparar um alimento está 50% nos produtos comprados para isso; outros 50% está no preparo e no modo de apresentação de cada prato.

Vejo muitos lugares postarem fotografias principalmente de pratos, e no momento em que você vai conhecê-los fica decepcionado com a propaganda enganosa. Com isso, você perde o cliente.

Todo tipo de estabelecimento tem seu público alvo e suas formas de preço a serem trabalhadas, assim como a margem de lucro de cada empresa. Não significa que se você usar os melhores insumos para o preparo de sua comida isso fique mais caro. Ou que devido a isso você tenha que cobrar 100 vezes mais o valor do que uma pessoa que vende um produto de qualidade inferior.

Gosto sempre de falar do cachorro-quente, pois é um produto que o paraibano aprecia muito. Como conhecedor de produtos de qualidade, sei qual o tipo de salsicha e carne que estão sendo usadas, mas muitas pessoas não sabem. Daí fica aquele dilema. Como pode ser este valor se o produto pelo qual ele quer manter a qualidade não é baseado nos insumos usados para ter essa base de preço? E muitas vezes eu noto que a qualidade do produto foi alterada, justamente, porque baixou a qualidade do produto a ser servido antes.

Hoje aqui em João Pessoa quase toda esquina e supermercado tem seu camarão, de seu próprio

viveiro, e existe também as diferenças de preços e qualidade de cada produto. E isso só é notado por um profissional do ramo de gastronomia na hora de se elaborar um prato ou fazer as porções que são baseadas na gramatura de cada prato.

Vender gato por lebre é bem uma tática de muitos comerciantes que se acham espertos, e ainda acham que são tão expertos que não serão notados com a má qualidade do seu produto. Nós como consumidores - falo isso pois também sou um - temos que ter muito cuidado para não sermos enganados pela forma como são feitos os pratos. Faça valer o que está escrito no cardápio. O que você está pagando é muito importante e cuidado para não pagar um gato por lebre e ser lesado. Faça valer seu direito de escolha e, principalmente, de falar a verdade ao gerente ou ao proprietário do local.

Quem sabe poderemos mudar esse tipo de prática!



Foto: Pixabay

QUENTINHAS

- O festival Paraíba Restaurant Week segue até o dia 8 de novembro. Nesta semana, tive a oportunidade de conhecer um dos menus no La Tratoria Jampa. Fui muito surpreendido pelo local de excelente arquitetura, como de uma excelente comida. Os restaurantes que estão participando criaram menus especiais com entrada, prato principal e sobremesa, com valores bem acessíveis. Se você quiser conhecer, o seu Instagram é @latratoriajopa ou pelo telefone 3023-0909.

- Quer provar um hambúrguer caseiro de qualidade? Eu já provei e aprovei. O Geisel Burger Delivery tem um padrão de qualidade e preço formidável, vale muito a pena você conferir as promoções no seu Instagram @geiselburger, ou pelo telefone 98675-6659

- Reeducação alimentar de forma correta e de olho em todas as taxas. A nutricionista funcional Érika Nóbrega exerce muito bem essa função para seus pacientes. Mestre em nutrição/alimentação pela UFPB, Érika atua nas áreas de modulação intestinal, longevidade e combate ao câncer. Indico o Instagram dela para mais detalhes: @erika.nobrega.16

- Frutas, verduras, legumes e raízes de qualidade e selecionados direto para sua casa. A VerdNova Hortifrut entrega para restaurantes, hotéis, lanchonetes, shoppings e o consumidor final. Vale muito a pena conhecer os produtos e os valores através do Instagram @verdnova.

PRATO DO DIA

Filé mignon com crosta Baraúna

Ingredientes do filé:

- 800g do terno do filé mignon
- 4 dentes de alho
- 2 folhas de louro
- 2 ramos de alecrim
- 3 colheres de sopa de azeite
- 1 colher de manteiga

Ingredientes da crosta:

- 80g de manteiga
- 2 pães ralados
- 1 saco de queijo ralado
- Mix de pimenta do reino moída
- 3 dentes de alhos amassados
- 1 colher de sopa de alecrim
- Salsa picada
- Sal a gosto

Ingredientes do molho da carne:

- 1/3 de aceto balsâmico
- 1 xícara de cachaça premiada Baraúna
- 1 caixa de creme de leite
- 1 colher de sopa de amido

Modo de preparo do prato:

- Em uma frigideira, leve a manteiga, alho, azeite, alecrim, folha de louro. Dê uma leve refogada e acrescente o filé temperado com pimenta do reino a gosto e sal. Vire de cada lado a cada três minutos. Quando terminar, reserve o filé.
- Retire a carne. Na mesma panela que ela foi assada, prepare o molho colocando os ingredientes e por fim dê seu ponto de textura com o amido para engrossar um pouco.
- Bata em um mix, ou em um liquidificador todos os itens do preparo da crosta e reserve.
- Pegue a carne que foi assada, coloque em uma assadeira e leve ao forno pré-aquecido a 200 graus. Coloque a pasta do crocante por sobre a carne e leve ao forno por 15 minutos, dependendo de cada forno.
- Retire do forno, aqueça o molho e sirva a carne fatiada com o molho por cima.



Foto: Divulgação

PITADAS A GOSTO



O Tournedos Rossini é um prato de filé francês, batizado em homenagem ao compositor do século 19, Gioachino Rossini. Sua invenção é atribuída ao chef francês Marie-Antoine Carême, ou Adolphe Dugléré, ou ao chefe do Hotel Savoy, Auguste Escoffier. O prato é composto por um filé mignon frito na manteiga, servido com um crouton e coberto com uma fatia quente de foie gras frescas, preparadas rapidamente na frigideira no último minuto. O prato é decorado com fatias de trufa e termina com um molho madeira demi-glace.